

**FUNDAÇÃO CULTURAL DE GUABIRUBA
CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA DE GUABIRUBA
FUNDO MUNICIPAL DE APOIO À CULTURA**

**ELIVELTON REICHERT E ROSEANE HUBER DE SOUZA
A PRESERVAÇÃO DO DIALETO BADISCH EM GUABIRUBA - SC**

**GUABIRUBA - SC
2026**

**FUNDAÇÃO CULTURAL DE GUABIRUBA
CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA DE GUABIRUBA
FUNDO MUNICIPAL DE APOIO À CULTURA**

**ELIVELTON REICHERT E ROSEANE HUBER DE SOUZA
A PRESERVAÇÃO DO DIALETO BADISCH EM GUABIRUBA - SC**

Relatório final de pesquisa e execução de projeto, apresentado para fins de comprovação/encerramento no âmbito do **XII EDITAL DO FUNDO MUNICIPAL DE APOIO À CULTURA DE GUABIRUBA**, realizado em **GUABIRUBA-SC** no período de **JANEIRO A JULHO 2026**.

**GUABIRUBA, SC
2026**

RESUMO

Este relatório apresenta os resultados do projeto **A preservação do dialeto Badisch em Guabiruba - SC**, desenvolvido com o objetivo de documentar e analisar a situação atual do dialeto Badisch no município, com foco na transmissão intergeracional, nos contextos de uso, nas memórias familiares e nas possibilidades de salvaguarda. A pesquisa adotou abordagem exploratória, qualitativa e documental, combinando entrevistas semiestruturadas com núcleos familiares, formulários presenciais, questionário online, notas de campo e levantamento lexical. Os dados indicam que o Badisch permanece como referência importante da identidade cultural de Guabiruba, especialmente em relações familiares, comunitárias, religiosas e de vizinhança. Ao mesmo tempo, observa-se redução no uso cotidiano e enfraquecimento da transmissão entre gerações, com presença significativa de compreensão passiva entre descendentes mais jovens. A análise aponta que a perda ou diminuição do uso do dialeto está associada a fatores combinados, como escolarização em português, interrupção da fala em casa, mudanças no trabalho, mobilidade social, casamentos entre falantes e não falantes, preconceito linguístico e perda de função prática no cotidiano. Como resultado, o projeto produziu um relatório analítico, levantamento lexical Badisch–Português–Hochdeutsch e base documental para acervo digital, contribuindo para o reconhecimento do Badisch como patrimônio cultural imaterial e para futuras ações de pesquisa, educação e valorização comunitária.

Palavras-chave: Badisch; Guabiruba; patrimônio cultural imaterial; línguas minoritárias.

ABSTRACT

This report presents the results of the project **The Preservation of the Badisch Dialect in Guabiruba - SC**, developed with the aim of documenting and analyzing the current situation of the Badisch dialect in the municipality, focusing on intergenerational transmission, contexts of use, family memories, and possibilities for safeguarding. The research adopted an exploratory, qualitative, and documentary approach, combining semi-structured interviews, in-person forms, an online questionnaire, field notes, and a lexical survey. The data indicate that Badisch remains an important reference for the cultural identity of Guabiruba, especially within family, community, religious, and neighborhood relations. At the same time, there is a reduction in everyday use and a weakening of transmission between generations, with a significant presence of passive comprehension among younger descendants. The analysis suggests that the loss or reduction of the dialect's use is associated with combined factors, such as schooling in Portuguese, interruption of home transmission, changes in work relations, social mobility, marriages between speakers and non-speakers, linguistic prejudice, and the loss of practical function in daily life. As a result, the project produced an analytical report, a Badisch–Portuguese–Hochdeutsch lexical survey, and a documentary basis for a digital archive, contributing to the recognition of Badisch as intangible cultural heritage and to future actions in research, education, and community appreciation.

Keywords: Badisch; Guabiruba; intangible cultural heritage; minority languages.

LISTAS

Lista de Tabelas:

Tabela 01 - Fontes de dados coletados e finalidades

Tabela 02 - Cronograma de execução

Tabela 03 - Registro do Corpus

Tabela 04 - Totais da etapa presencial

Tabela 05 - Distribuição territorial do corpus presencial

Tabela 06 - Gênero dos participantes presenciais por território

Tabela 07 - Autopercepção de compreensão do Badisch entre participantes presenciais

Tabela 08 - Autopercepção de fala do Badisch entre participantes presenciais

Tabela 09 - Frequência atual de uso do Badisch entre participantes presenciais

Tabela 10 - Situações em que mais usa ou ouvia o dialeto

Tabela 11 - Transmissão familiar percebida

Tabela 12 - Faixa etária dos respondentes do questionário online

Tabela 13 - Gênero dos respondentes do questionário online

Tabela 14 - Escolaridade dos respondentes do questionário online

Tabela 15 - Relação dos respondentes online com Guabiruba

Tabela 16 - Primeira língua ou dialeto aprendido na infância segundo o questionário online

Tabela 17 - Autopercepção de compreensão do Badisch no questionário online

Tabela 18 - Autopercepção de fala do Badisch no questionário online

Tabela 19 - Frequência de uso do Badisch no questionário online

Tabela 20 - Situações de uso ou escuta do Badisch no questionário online

Tabela 21 - Experiência de preconceito ou ofensa pelo uso do dialeto

Tabela 22 - Motivos atribuídos à redução do uso cotidiano do Badisch

Tabela 23 - Principal motivo atribuído à interrupção nas gerações mais jovens

Tabela 24 - Ações consideradas importantes para preservação do Badisch

Tabela 25 - Levantamento lexical em Português - Badisch - Hochdeutsch

Lista de Siglas e Abreviaturas:

CSV – *Comma-Separated Values* / Valores Separados por Vírgula

FCG – Fundação Cultural de Guabiruba

FMAC – Fundo Municipal de Apoio à Cultura

GIDS – *Graded Intergenerational Disruption Scale* / Escala Graduada de Ruptura Intergeracional

Hochdeutsch – Alemão padrão ou alemão gramatical

IA – Inteligência Artificial

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

RLS – *Reversing Language Shift* / Reversão do Deslocamento Linguístico

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Contextualização do tema	11
1.2 Problema de pesquisa	12
1.3 Perguntas norteadoras	12
1.4 Justificativa	13
1.5 Objetivo geral	13
1.6 Objetivos específicos	14
1.7 Estrutura do relatório	14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 Língua, dialeto, memória e identidade local;	15
2.2 Vitalidade linguística e transmissão intergeracional;	16
2.2.1 Joshua A. Fishman, deslocamento linguístico e reversão;	17
2.3 Línguas de imigração, nacionalização e contato linguístico no Vale do Itajaí-Mirim	19
2.3.1 O Badisch no contexto germânico	21
2.3.2 Badisch, Hochdeutsch e Português	22
2.4 Dialetoлогия e atitudes linguísticas	24
2.4.1 Documentação linguística, história oral e pesquisa qualitativa em comunidades;	25
2.5 Síntese e conexão com a pesquisa	26
3 METODOLOGIA	28
3.1 Tipo de pesquisa e abordagem	28
3.2 Local do estudo e recorte territorial	28
3.3 Participantes e critérios de seleção	29
Tabela 01 - Fontes de dados coletados e finalidades	30
3.4 Procedimentos éticos e consentimento	30
3.5 Instrumentos de coleta de dados	31
3.5.1 Questionário online	31
3.5.2 Formulário impresso	32
3.5.3 Roteiro de entrevista semiestruturada	33
3.6 Procedimentos de campo	33
3.7 Transcrição, organização e tratamento do material	34
3.8 Técnicas de análise	35
3.9 Limitações do estudo	37
4 EXECUÇÃO DO PROJETO	38
4.1 Identificação do projeto	38
4.2 Cronograma planejado x executado	38
Tabela 02 - Cronograma de Execução	38
4.3 Atividades realizadas	39
4.4 Registro do corpus	40
Tabela 03 - Registro do Corpus	41
Tabela 04 - Totais da etapa presencial	41

4.5 Organização do acervo e gestão de arquivos	42
4.6 Ações de devolutiva	42
4.7 Síntese da execução	43
5 RESULTADOS E ANÁLISE PRELIMINAR	44
5.1 Perfil geral dos respondentes e participantes	44
5.1.1 Pesquisa qualitativa com entrevista presencial;	44
Tabela 05 - Distribuição territorial do corpus presencial	44
Tabela 06 - Gênero dos participantes presenciais por território	45
Tabela 07 - Autopercepção de compreensão do Badisch entre participantes presenciais	46
Tabela 08 - Autopercepção de fala do Badisch entre participantes presenciais	46
Tabela 09 - Frequência atual de uso do Badisch entre participantes presenciais	47
Tabela 10 - Situações em que mais usa ou ouvia o dialeto	47
Tabela 11 - Transmissão familiar percebida	48
5.1.2 Pesquisa em questionário online;	48
Tabela 12 - Faixa etária dos respondentes do questionário online	49
Tabela 13 - Gênero dos respondentes do questionário online	49
Tabela 14 - Escolaridade dos respondentes do questionário online	49
Tabela 15 - Relação dos respondentes online com Guabiruba	50
Tabela 16 - Primeira língua ou dialeto aprendido na infância segundo o questionário online	50
Tabela 17 - Autopercepção de compreensão do Badisch no questionário online	51
Tabela 18 - Autopercepção de fala do Badisch no questionário online	51
Tabela 19 - Frequência de uso do Badisch no questionário online	52
Tabela 20 - Situações de uso ou escuta do Badisch no questionário online	52
Tabela 21 - Experiência de preconceito ou ofensa pelo uso do dialeto	53
Tabela 22 - Motivos atribuídos à redução do uso cotidiano do Badisch	53
Tabela 23 - Principal motivo atribuído à interrupção nas gerações mais jovens	54
Tabela 24 - Ações consideradas importantes para preservação do Badisch	55
5.1.3 Considerações sobre o motivo da perda ou redução do uso do Badisch	55
5.1.4 Síntese de observações finais do questionário online	57
5.2 O Badisch como língua da casa e da infância	58
5.3 A escola como ponto de virada para o português	59
5.4 Trabalho, mobilidade e mudança dos usos sociais	60
5.5 Preconceito, deboche e sotaque	62
5.6 Religião, cantos, orações e festas como espaços de memória	63
5.7 Transmissão intergeracional, perda de hábito e compreensão passiva	65
5.8 Badisch, Hochdeutsch e variações internas	66
5.9 Síntese dos achados	67
6 LEVANTAMENTO LEXICAL	69
6.1 Metodologia do levantamento lexical	69
6.2 Vocabulário	70
Tabela 25 - Levantamento lexical em Português - Hochdeutsch - Badisch	70
6.3 Observações acerca do levantamento lexical	80

6.3.1 Pessoas e Família	81
6.3.2 Casa, Objetos e Utensílios	81
6.3.3 Comidas e Bebidas	82
6.3.4 Animais e Natureza	82
6.3.5 Dias da Semana	83
6.3.6 Verbos e Substantivos abstratos	83
6.3.7 Cores e Números	84
6.3.8 Lugares, trabalho no campo e rotina.	85
6.4 Síntese do vocabulário	86
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
7.1 Conclusões frente aos objetivos	87
7.2 Recomendações e próximos passos	89
7.3 Possibilidades de publicação e estudos futuros	91
8 REFERÊNCIAS	95
9 APÊNDICES	100
Apêndice A - Roteiro de entrevista semiestruturada	100
Apêndice B - Questionário online	102
Apêndice C - Ficha impressa do participante	106
Apêndice D - Termo de consentimento (TCLE)	108
Apêndice E - Cantigas e orações coletadas	110

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização do tema

O presente relatório trata do Badisch, um dialeto de origem germânica preservado na cidade de Guabiruba, Santa Catarina, especialmente em bairros associados à colonização e à permanência de núcleos familiares descendentes de imigrantes (SEYFERTH, 1974; ROSENBROCK, 2021).

O município conta com a presença histórica de famílias vindas da região do Grão-Ducado de Baden, atual estado de Baden-Württemberg, Alemanha. A partir do século XIX, através de condições de maior isolamento, presentes na região do Vale do Itajaí, em Santa Catarina, houve um favorecimento da continuidade do uso doméstico do dialeto e das práticas de oralidade que sustentam as memórias familiares e os modos de vida tradicionais do local (SEYFERTH, 1974; ROSENBROCK, 2021).

Ao mesmo tempo, como ocorre em diversas línguas minoritárias e de imigração, o Badisch enfrenta pressões sociais e institucionais que tendem a deslocar seus domínios de uso para o português, sobretudo nas gerações mais novas (UNESCO, 2003; FISHMAN, 1991; ROSENBROCK, 2021).

Nesse cenário, a língua não é apenas um “meio de comunicação”, mas também um marcador de pertencimento e reconhecimento comunitário, articulando identidade, lembranças e valores transmitidos por narrativas, expressões idiomáticas, cantos e formas de nomear o cotidiano (BOURDIEU, 2008; BUCHOLTZ; HALL, 2005).

Deste modo, a relevância do tema se dá por três dimensões combinadas: **cultural**, por envolver patrimônio imaterial ancorado em famílias e territórios; **social**, por refletir relações entre gerações, prestígio/estigma e pertencimento; e **documental**, pela necessidade de registro sistemático do uso real do dialeto antes que parte significativa de seus falantes e contextos desapareça ou se fragmente (UNESCO, 2003).

1.2 Problema de pesquisa

O Badisch ainda pode ser reconhecido e utilizado por parte da comunidade, especialmente, em núcleos familiares mais antigos e em circuitos de sociabilidade local, com maior presença entre falantes adultos e idosos. Entretanto, se observa uma ruptura progressiva na transmissão intergeracional e um estreitamento entre os contextos em que o dialeto é falado, o que ameaça sua continuidade como prática viva e cotidiana (ROSENBROCK, 2021; UNESCO, 2003; FISHMAN, 1991).

O problema central deste estudo parte da necessidade de compreender e registrar **como o Badisch é mantido, aprendido e transmitido** em núcleos familiares de Guabiruba, identificando fatores sociais e culturais associados à manutenção e à perda, ao mesmo tempo em que se produz um repertório documentado e acessível (áudios, transcrições, relatório e levantamento lexical) como estratégia de salvaguarda deste dialeto.

1.3 Perguntas norteadoras

1. Como se dá, atualmente, a transmissão (ou interrupção) do Badisch entre gerações em núcleos familiares de Guabiruba?
2. Quais fatores sociais, afetivos e contextuais (domínios de uso, atitudes linguísticas, escola, trabalho, religião, mídia) influenciam a manutenção ou o abandono do dialeto?
3. Que formas de documentação e devolutiva podem transformar o registro do Badisch em acervo útil para a comunidade, educação e políticas culturais locais?

As perguntas norteadoras orientam a pesquisa a partir de um encadeamento prático: primeiro, mapear onde e com quem o Badisch ainda circula; depois, compreender quais são as mudanças no cotidiano (família, escola, trabalho, mobilidade e mídia)

que favorecem a interrupção ou a continuidade do uso do dialeto; por fim, traduzir esse diagnóstico em registro organizado e reaproveitável, alinhado a parâmetros de avaliação de vitalidade e à noção de salvaguarda de bens culturais imateriais (UNESCO, 2003).

1.4 Justificativa

A justificativa deste trabalho se sustenta na noção de que línguas e dialetos minoritários integram o patrimônio cultural imaterial e são fundamentais para a pluralidade cultural, pois carregam modos próprios de narrar, lembrar, nomear e interpretar o mundo (UNESCO, 2003).

Em comunidades de imigração, a língua de herança costuma concentrar-se no espaço familiar e em redes locais; quando a transmissão falha, não se perde apenas vocabulário, mas um conjunto de memórias, valores e referências que organizam identidades e histórias de vida (FISHMAN, 1991; UNESCO, 2003).

Além disso, a literatura sobre vitalidade linguística destaca a transmissão intergeracional e os domínios de uso como fatores decisivos para avaliar risco e orientar ações de documentação e fortalecimento. A UNESCO propõe um conjunto de fatores para esse tipo de diagnóstico, como, por exemplo, a transmissão entre gerações, o número e proporção de falantes, além dos domínios de uso e grau de documentação. Esses fatores auxiliarão na compreensão das trajetórias de perda ou fortalecimento, além de orientarem as prioridades para o registro (UNESCO, 2003).

No caso de Guabiruba, há também uma lacuna prática: a ausência de documentação organizada e acessível sobre o Badisch que limita tanto a pesquisa quanto as iniciativas públicas e comunitárias de salvaguarda.

Ao produzir um acervo com entrevistas, transcrições e vocabulário, o projeto se propõe a contribuir para que o dialeto não permaneça apenas como lembrança privada, mas possa circular como referência cultural, educacional e histórica para instituições locais e para a própria comunidade (HIMMELMANN, 2006; UNESCO, 2003).

1.5 Objetivo geral

Documentar e analisar a situação atual do dialeto Badisch em Guabiruba-SC por meio do registro de histórias orais em núcleos familiares, produzindo relatório de pesquisa e vocabulário Alemão (Badisch)-Português como acervo digital de referência para salvaguarda e estudos futuros.

1.6 Objetivos específicos

1. Investigar os processos de transmissão e aprendizagem do dialeto, realizando entrevistas com 5 a 8 núcleos familiares, registrando vocabulário, expressões idiomáticas e usos culturais (oralidade, canto, escrita, tradução).
2. Analisar as dinâmicas de manutenção e perda da língua, identificando fatores que influenciam a continuidade ou interrupção da transmissão para as novas gerações.
3. Sistematizar o conhecimento coletado em formatos acessíveis, por meio de um relatório textual e de um vocabulário digital contendo palavras, etimologias e contextos de uso.
4. Disponibilizar e difundir o acervo construído, garantindo acesso público gratuito em formato digital e doando cópias integrais para o Museu e Arquivo Histórico e para a Biblioteca Municipal de Guabiruba.

1.7 Estrutura do relatório

A estrutura do relatório está organizada em capítulos que apresentam uma contextualização do Badisch em Guabiruba e a formulação do problema de pesquisa ao leitor. Posteriormente, se discute o referencial teórico sobre língua, identidade, vitalidade e documentação linguística, seguido pela metodologia qualitativa, que descreve como ocorreu a seleção de famílias, as entrevistas, as gravações e as transcrições. Adiante analisa-se tematicamente o material coletado; por fim, são apresentados os produtos da pesquisa (sínteses analíticas, levantamento lexical e acervo), as considerações finais e as referências utilizadas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Língua, dialeto, memória e identidade local

Em estudos sociais da linguagem, língua e identidade são entendidas como dimensões inseparáveis: falar (ou deixar de falar) uma variedade não é um ato neutro, pois envolve pertencimento, reconhecimento, prestígio, estigma e relações de poder (BOURDIEU, 2008; BUCHOLTZ; HALL, 2005).

Nesse sentido, a memória coletiva se estrutura por meio de grupos e de práticas sociais que selecionam o que é lembrado, repetido e transmitido (HALBWACHS, 2013). Quando uma língua de herança se fragiliza, parte dos repertórios de lembrança e de narrativas familiares tende a se reduzir ou se reorganizar em outra língua (HALBWACHS, 2013).

A discussão de memória coletiva (HALBWACHS, 2013) e de “lugares de memória” (NORA, 1993) ajuda a compreender por que o Badisch pode funcionar como um marcador simbólico, pois mesmo quando o uso cotidiano diminui, a língua pode permanecer como um emblema identitário, acionado em situações específicas, como em família, no humor, em expressões, rituais, ou cantos, produzindo vínculos com o território e com as histórias da imigração (HALBWACHS, 2013; NORA, 1993).

Para “enxergar” o Badisch no caso de Guabiruba, este eixo permite tratar o dialeto como uma prática cultural situada, na qual não serão investigadas apenas “palavras”, mas o modo como a comunidade dá sentido a elas, quando escolhe usá-las e com quais emoções e lembranças estão associadas (BOURDIEU, 2008; BUCHOLTZ; HALL, 2005). Assim, a análise do material oral pode observar como narrativas familiares e expressões do dialeto condensam valores locais, trajetórias de trabalho, religiosidade, vizinhança e relações entre gerações.

A ligação entre língua e identidade torna-se ainda mais evidente em contextos nos quais a variedade deixa de circular de forma plena, mas permanece como referência simbólica de pertencimento. No caso de Brusque e Guabiruba, Rosenbrock (2025b) chama atenção para uma questão central: se o alemão e suas variedades deixarem de ser falados ou assimilados pelas novas gerações, é necessário perguntar se a

língua ainda opera como marcador efetivo de identidade étnica ou se há outros elementos culturais que passam a ocupar esse lugar.

Essa reflexão é importante para o presente estudo porque o Badisch pode permanecer como lembrança, emblema familiar, expressão afetiva ou sinal de origem, mesmo quando seu uso cotidiano diminui. Assim, a análise do dialeto em Guabiruba precisa considerar tanto sua função comunicativa quanto sua função simbólica, observando de que modo ele aparece nas memórias familiares, nas práticas culturais e nas formas locais de narrar a própria descendência (ROSENBROCK, 2025b).

2.2 Vitalidade linguística e transmissão intergeracional

A vitalidade linguística é comumente analisada por indicadores que vão além do número de falantes, enfatizando sobretudo a transmissão intergeracional e a manutenção de domínios de uso (família, comunidade, escola, trabalho, igreja, mídia).

O documento da UNESCO sobre vitalidade e perigo linguístico propõe fatores para avaliar risco e necessidade de documentação, destacando a transmissão entre gerações, a mudança de contextos de uso e a resposta a novas mídias como elementos centrais para compreender trajetórias de perda ou fortalecimento (UNESCO, 2003).

Complementarmente, a sociolinguística da manutenção e mudança linguística aponta que processos de deslocamento costumam ocorrer quando a língua minoritária deixa de ser necessária em interações cotidianas e passa a ser substituída por uma língua dominante que oferece mobilidade, escolarização e inserção econômica (FISHMAN, 1991).

Fishman (1991), ao discutir deslocamento e reversão, coloca a família e a comunidade como arenas decisivas para a continuidade de línguas ameaçadas, justamente porque é nesses espaços que a língua se torna “natural” para crianças e jovens.

O ponto de vista da transmissão intergeracional funciona como lente para transformar relatos das entrevistas em categorias analíticas: quem fala com quem, em quais situações, o que motivou a interrupção (vergonha, escola, casamento, trabalho, migração, mídia), e o que ainda sustenta a manutenção (convivência com avós, vizinhança, encontros, canto, rituais, rotinas domésticas).

A partir disso, é possível descrever o Badisch não apenas como “em risco”, mas como repertório vivo com padrões de circulação específicos no território, cuja vitalidade depende de domínios de uso e, sobretudo, da transmissão intergeracional (UNESCO, 2003; FISHMAN, 1991).

2.2.1 Joshua A. Fishman, deslocamento linguístico e reversão

Entre os autores centrais para os estudos de manutenção, enfraquecimento e possível retomada de línguas minoritárias, Joshua A. Fishman ocupa lugar de destaque ao propor uma abordagem sociolinguística voltada não apenas à descrição da perda linguística, mas também às condições sociais necessárias para sua reversão.

Em *Reversing Language Shift*, o autor parte do entendimento de que o desaparecimento de uma língua não deve ser tomado como processo inevitável, mas como resultado de mudanças históricas nos domínios de uso, nas relações entre gerações e nas instituições que sustentam a vida comunitária. Nessa perspectiva, a questão central deixa de ser apenas quantos falantes ainda existem e passa a ser onde, com quem e para que a língua continua sendo utilizada (FISHMAN, 1991).

A contribuição de Fishman é especialmente relevante porque desloca o foco da análise das grandes instituições para os espaços cotidianos de socialização linguística. Para o autor, a continuidade de uma língua ameaçada depende, antes de tudo, de sua presença nos ambientes em que a transmissão intergeracional se dá de forma espontânea, sobretudo na família e nas redes comunitárias de convivência.

Isso significa que a manutenção linguística não se sustenta apenas por meio de ações escolares, registros escritos ou iniciativas culturais isoladas, embora esses elementos possam ser importantes. O ponto decisivo está na permanência da língua

como prática social viva, ligada ao convívio, à intimidade, à infância, à vizinhança e à circulação cotidiana entre gerações (FISHMAN, 1991).

Nesse quadro, Fishman formula a noção de *Reversing Language Shift* (RLS), ou reversão do deslocamento linguístico, entendida como um conjunto de esforços voltados à reconstrução das condições sociais de uso de uma língua ameaçada. O autor chama atenção para o fato de que muitos projetos falham por concentrarem energia em níveis institucionais mais visíveis, como ensino formal, mídia ou reconhecimento público, sem que a língua tenha sido antes fortalecida nas bases comunitárias que a tornam socialmente transmissível. Em outras palavras, não basta tornar a língua objeto de valorização simbólica; é necessário restituir-lhe função social efetiva nos domínios em que ela pode ser aprendida, repetida e naturalizada pelas novas gerações (FISHMAN, 1991).

Para organizar esse raciocínio, Fishman apresenta a *Graded Intergenerational Disruption Scale* (GIDS), uma escala de oito estágios que permite compreender em que medida a transmissão intergeracional e os domínios de uso de determinada língua se encontram enfraquecidos. Mais do que um instrumento de rotulação, a escala funciona como orientação estratégica: cada estágio exige prioridades distintas de intervenção.

Em vez de pressupor que toda revitalização deva começar pela escola ou por materiais didáticos, Fishman demonstra que, em situações de maior deslocamento, o caminho mais consistente costuma ser a reconstrução dos usos orais e familiares da língua. Assim, a GIDS oferece ao pesquisador uma chave analítica para relacionar vitalidade linguística, transmissão entre gerações e redistribuição funcional dos espaços sociais da língua (FISHMAN, 1991).

A utilização de Fishman neste estudo é pertinente porque sua obra permite articular, em uma mesma moldura teórica, os temas já mobilizados neste relatório: memória, identidade, domínios de uso, transmissão intergeracional e salvaguarda. Ao tomar a língua como prática social inserida em relações comunitárias concretas, o autor fornece base para compreender que a documentação linguística, embora fundamental, não se confunde com revitalização.

Registros, vocabulários, transcrições e ações de difusão cumprem papel importante na preservação e no acesso ao patrimônio linguístico, mas passam a integrar um processo mais amplo de reversão apenas quando se conectam a estratégias de fortalecimento do uso social da língua em espaços de convivência real. Desse modo, a teoria de Fishman contribui para que a pesquisa não se limite ao diagnóstico da perda, mas também ofereça um horizonte analítico para pensar condições de continuidade linguística em comunidades de herança.

Nessa perspectiva, a contribuição de Fishman também se aproxima das discussões da UNESCO sobre vitalidade linguística, especialmente no que se refere ao peso da transmissão intergeracional, à amplitude dos domínios de uso e ao grau de documentação disponível para uma língua ameaçada. Embora a UNESCO ofereça fatores gerais de avaliação, Fishman aprofunda a discussão ao demonstrar que a recuperação de uma língua depende de prioridades sociocomunitárias específicas, e não apenas de reconhecimento cultural amplo.

Sua proposta, portanto, é particularmente útil para pesquisas que, além de registrar uma variedade linguística, buscam compreender sob quais condições sociais sua continuidade ainda pode ser estimulada (UNESCO, 2003; FISHMAN, 1991).

2.3 Línguas de imigração, nacionalização e contato linguístico no Vale do Itajaí-Mirim

No Brasil, línguas de imigração constituem um campo consolidado de estudos, especialmente no Sul, onde diferentes variedades alemãs foram mantidas, transformadas e reorganizadas em contato com o português (ALTENHOFEN, 2013). Essas variedades não permaneceram estáticas após a imigração, pois passaram a circular em novas condições sociais, geográficas e institucionais.

Em comunidades de colonização, a língua herdada tende a concentrar-se inicialmente nos domínios da família, da vizinhança, da religião, do trabalho rural e das associações locais; com o tempo, porém, esses domínios podem se estreitar diante da escolarização em português, da urbanização, da mobilidade social e da pressão por integração nacional.

No Vale do Itajaí-Mirim, essa dinâmica se relaciona diretamente à história da colonização e à formação de comunidades plurilíngues. Rosenbrock (2025a) caracteriza o Vale do Itajaí como uma antiga zona de imigração, marcada pela presença de povos de língua alemã e pela constituição de um cenário multicultural e plurilinguístico.

Brusque e Guabiruba, nesse contexto, integravam inicialmente o mesmo território colonial, a Colônia Itajahy, fundada em 1860, o que reforça a necessidade de compreender o Badisch de Guabiruba não como fenômeno isolado, mas como parte de uma história regional de ocupação, circulação familiar e contato linguístico.

Um ponto decisivo para compreender o enfraquecimento das línguas de imigração no Sul do Brasil é o impacto das campanhas de nacionalização, especialmente entre as décadas de 1930 e 1940. Segundo Rosenbrock (2025b), as campanhas de nacionalização do ensino brasileiro aboliram o ensino e o uso da língua alemã nas escolas, levando os descendentes de imigrantes a restringirem o alemão e suas variedades ao âmbito familiar.

Esse processo contribuiu para deslocar a língua do espaço público urbano para contextos mais domésticos e rurais, ao mesmo tempo em que enfraqueceu o contato com a modalidade escrita. Assim, a língua herdada passou a depender cada vez mais da oralidade e da transmissão familiar, o que tornou sua continuidade mais vulnerável às rupturas geracionais.

Esse deslocamento não foi apenas linguístico, mas também social. Em áreas rurais e de colonização, falar alemão ou uma variedade dialetal passou, em muitos casos, a carregar uma conotação pejorativa, associada à “língua de colono” e a uma posição social considerada menos prestigiada (ROSENBROCK, 2025b). Esse tipo de estigma ajuda a explicar por que algumas famílias, mesmo mantendo compreensão passiva da língua, deixaram de transmiti-la ativamente aos filhos.

A substituição linguística, portanto, não deve ser compreendida apenas como consequência natural da passagem do tempo, mas como resultado de pressões escolares, políticas, econômicas e simbólicas que alteraram o valor social atribuído às variedades de origem germânica.

O contato linguístico tende a produzir variação, empréstimos lexicais, alternância de códigos, mudanças fonéticas e morfológicas, além de efeitos sociais como orgulho, vergonha, discriminação e identificação cultural (THOMASON, 2001). No caso do *Badisch* em Guabiruba, essa lente permite interpretar “misturas”, adaptações e formas híbridas não como simples erro ou perda de pureza linguística, mas como sinais de uma história social localizada, marcada pela convivência entre dialeto, *Hochdeutsch* e português.

Assim, a análise do repertório coletado deve observar tanto os termos preservados quanto as formas modificadas, pois ambos revelam modos de uso, contato e reorganização da língua ao longo das gerações (ALTENHOFEN, 2013; THOMASON, 2001; ROSENBROCK, 2025b).

2.3.1 O *Badisch* no contexto germânico

O termo *Badisch* - ou *patenza*, como é utilizado localmente em Guabiruba para nomear o dialeto herdado de famílias vindas da região de Baden -, precisa ser compreendido em duas dimensões complementares: como categoria identitária local e como referência a um conjunto de variedades regionais do sudoeste alemão.

No uso comunitário, *Badisch* funciona como nome de pertencimento, ligado à memória familiar, à origem dos antepassados e à distinção em relação a outras heranças germânicas.

Do ponto de vista dialetológico, entretanto, Baden não corresponde a uma variedade linguística homogênea, mas a um espaço atravessado por diferentes áreas dialetais e por continuidades entre variedades alemânicas, francônicas, suábias e formas mais próximas do alemão padrão.

Essa distinção é importante para evitar uma leitura simplificada do objeto. Em Guabiruba, o *Badisch* deve ser tratado como uma variedade de herança, preservada e transformada em contexto brasileiro, e não como reprodução direta e intacta de uma variedade atual da Alemanha. Atlas linguísticos como o *Sprachatlas von Nord Baden-Württemberg* demonstram que o território de Baden-Württemberg apresenta variação interna em aspectos fonológicos, morfológicos e lexicais, reunindo mapas

de vocalismo, ditongos, quantidades, consonantismo e morfologia (KLAUSMANN; BÜHLER; GANZENMÜLLER, 2019a; 2019b; 2019c).

Essa perspectiva reforça que a análise do *Badisch* em Guabiruba deve considerar a origem regional dos imigrantes, mas também os processos locais de conservação, seleção, adaptação e mudança ocorridos ao longo de mais de um século de contato com o português.

O texto de Rosenbrock (2025a) contribui para essa leitura ao lembrar que, mesmo dentro do grupo genericamente chamado de “alemão”, havia diferenças de origem e de fala. Ao tratar dos povos de língua alemã e da imigração em Brusque e Guabiruba, a autora menciona famílias vindas da região do antigo Grão-Ducado de Baden, como Schäfer de Neuthard, Wippel de Weiher e Habitzreuter de Karlsdorf, observando que eram famílias de uma mesma região, mas com dialetos distintos.

Essa observação é fundamental para o presente estudo, pois indica que o *Badisch* local pode reunir traços de diferentes pontos de origem dentro do espaço badense, além das alterações próprias do contato prolongado com o português e com outras variedades alemãs presentes na região (ROSENBROCK, 2025a).

Assim, o *Badisch* em Guabiruba pode ser entendido como um repertório de herança badense em situação de contato. Ele carrega marcas de origem, mas sua forma atual é resultado de transmissão oral, isolamento relativo, convivência com outras variedades germânicas, perda progressiva de domínios de uso e inserção contínua em uma sociedade majoritariamente lusófona.

Essa compreensão permite tratar o dialeto não como uma “cópia” do *Badisch* falado hoje em Baden-Württemberg, mas como uma variedade local, historicamente situada, cuja descrição exige atenção ao uso real dos falantes, às formas lembradas pelas famílias e aos contextos sociais em que ainda é reconhecida.

2.3.2 *Badisch*, *Hochdeutsch* e Português

A situação linguística de Guabiruba não pode ser compreendida apenas como oposição entre *Badisch* e português. Os relatos familiares e a literatura regional

indicam a presença de um repertório mais amplo, no qual o dialeto, o alemão padrão (*Hochdeutsch*) e o português ocupam funções diferentes.

Em comunidades teuto-brasileiras, é comum que a variedade dialetal esteja ligada à oralidade, ao espaço doméstico, à vizinhança, ao humor e às relações de proximidade, enquanto o *Hochdeutsch* aparece com maior frequência associado à escrita, à religião, a cantos, orações, leitura formal e ensino. O português, por sua vez, passa a dominar os espaços institucionais, escolares, profissionais e administrativos.

Essa distribuição funcional aproxima-se da discussão sobre diglossia e plurilinguismo, pois diferentes línguas ou variedades passam a ocupar domínios sociais distintos, nem sempre com o mesmo prestígio. Em situações desse tipo, uma variedade pode permanecer viva na intimidade familiar e, ao mesmo tempo, perder espaço na escola, na escrita, no trabalho e nas interações públicas.

No caso do *Badisch*, essa perspectiva ajuda a compreender por que uma pessoa pode reconhecer palavras, expressões, orações ou cantos, mas não se sentir capaz de falar o dialeto de forma plena. A perda de uso ativo pode coexistir com memória linguística, compreensão parcial e valor simbólico.

Rosenbrock (2025b) observa que, em determinadas localidades de Guabiruba, é possível perceber contextos de alternância e mistura entre variedades do alemão e o português, conforme intenções comunicativas e situações sociais. A autora também chama atenção para criações lexicais locais, como “*Schlapperhaus*”, usado em Guabiruba para “chinelo de casa”, e “*Millobrot*” ou “*Milhabrot*”, formas associadas ao “pão de milho”. Esses exemplos indicam que o contato linguístico produz formas híbridas e adaptações locais, nas quais elementos do português e do alemão podem se combinar de maneira própria.

Para a presente pesquisa, tais exemplos não devem ser tomados como “erro”, mas como indício de reorganização linguística em contexto de transmissão predominantemente oral (ROSENBROCK, 2025b).

Essa perspectiva é especialmente útil para a construção do vocabulário *Badisch*–Português. O levantamento lexical não deve registrar apenas equivalências

simples entre uma palavra do dialeto e uma palavra em português, mas também o contexto de uso, a geração que reconhece ou utiliza o termo, possíveis variações de pronúncia, relações com o *Hochdeutsch* e marcas de contato com o português.

Desse modo, o vocabulário documentado pode funcionar como instrumento linguístico e cultural, registrando não apenas “o que a palavra significa”, mas como ela circula, quem a lembra, em que situações aparece e que tipo de memória ou prática social está associada a ela.

2.4 Dialetoлогия e atitudes linguísticas

A compreensão das dinâmicas de uso do *Badisch* em Guabiruba exige uma abordagem da dialetologia perceptual, campo que investiga as representações subjetivas que os falantes constroem sobre sua própria língua e sobre as variedades com as quais convivem. Diferente da dialetologia tradicional, focada estritamente na variação geográfica, a perspectiva perceptual prioriza o lugar social do dialeto: como ele é sentido, valorizado ou estigmatizado pela comunidade (PRESTON, 1999).

Em cenários de imigração, a percepção do dialeto como uma “língua de casa” ou como um registro de menor prestígio frente ao português - língua da escolarização e da ascensão econômica - é um determinante direto para a ruptura da transmissão intergeracional (FISHMAN, 1991).

O estudo das atitudes linguísticas permite, portanto, identificar o papel do afeto e do pertencimento na resistência dos falantes, demonstrando que, mesmo diante de um processo de substituição linguística, o dialeto permanece ancorado em práticas culturais de resiliência e memória (ROMAINE, 1995).

No caso de Brusque e Guabiruba, as atitudes linguísticas aparecem como ponto-chave para compreender a permanência ou interrupção da língua. Rosenbrock (2025b) observa que muitos moradores expressam identificação com a língua e a cultura alemãs e manifestam desejo de preservar suas raízes culturais, mas que as ações concretas de uso, ensino e transmissão são poucas ou isoladas.

Essa distância entre valorização simbólica e prática efetiva é central para o presente estudo, pois permite investigar se o *Badisch* é visto pelos participantes como língua de comunicação, como memória familiar, como patrimônio cultural ou como traço identitário em processo de substituição.

A autora também aponta a urgência de investigar atitudes e crenças linguísticas por meio de pesquisa de campo, além da necessidade de documentação dos usos e de um diagnóstico sobre a vitalidade da língua alemã nas comunidades de Brusque e Guabiruba (ROSENBROCK, 2025b). Essa indicação dialoga diretamente com a proposta deste relatório, que se estrutura a partir de entrevistas, questionário online, registro lexical e análise de transmissão intergeracional.

Nesse sentido, as atitudes linguísticas não são apenas um tema secundário, mas uma dimensão metodológica da pesquisa: elas ajudam a compreender por que algumas famílias preservaram o dialeto, por que outras interromperam a transmissão e de que modo os falantes percebem o valor social, afetivo e cultural do *Badisch*.

2.4.1 Documentação linguística, história oral e pesquisa qualitativa em comunidades

A documentação linguística é frequentemente definida como a produção de um registro representativo e acessível do uso real de uma língua/variedade, com dados primários (áudio/vídeo), transcrições, metadados e curadoria para reuso por comunidade e pesquisadores (HIMMELMANN, 2006).

Trabalhos de referência na área destacam que documentar não é apenas “gravar”, mas organizar, descrever, preservar e tornar utilizável, com responsabilidade ética e transparência metodológica (HIMMELMANN, 2006; AUSTIN; SALLABANK, 2011).

Como o presente estudo se baseia em entrevistas e narrativas familiares, a história oral e a pesquisa qualitativa oferecem procedimentos para a condução das entrevistas e para o tratamento do material (gravação, transcrição, organização e difusão do acervo), com atenção à ética e à devolutiva à comunidade (ALBERTI, 2004; UNESCO, 2003). Adicionalmente, a prática da documentação linguística no século XXI exige uma postura de pesquisa colaborativa, que transcende a mera coleta de dados.

Conforme apontam Austin e Sallabank (2011), o pesquisador assume o papel de mediador entre o saber local e as estratégias de preservação, devendo assegurar que a comunidade falante participe ativamente da curadoria do material produzido.

Em Guabiruba, essa dimensão ética é basilar: a devolutiva dos dados não deve ser encarada como um procedimento burocrático de encerramento de projeto, mas como um processo de legitimação da memória linguística junto aos próprios informantes, devolvendo-lhes um registro sistematizado que fortalece o orgulho cultural e a consciência sobre a importância do *Badisch* como patrimônio imaterial vivo (UNESCO, 2003).

A documentação do *Badisch* em Guabiruba deve considerar, ainda, que o registro de uma língua de herança não se limita ao inventário de palavras isoladas. Em contextos de transmissão oral e de enfraquecimento intergeracional, cada termo registrado pode carregar informações sobre uso familiar, idade dos falantes, lembranças de infância, práticas religiosas, alimentação, trabalho, brincadeiras, afetos e formas de sociabilidade.

Por isso, a elaboração do vocabulário deve ser articulada ao *corpus* oral da pesquisa, indicando, sempre que possível, contexto de uso, variações de pronúncia, exemplos em frase, relação com o português e eventual aproximação com o *Hochdeutsch*.

Essa orientação permite que o vocabulário documentado seja compreendido como produto lexical e, ao mesmo tempo, como documento sociocultural, alinhado à proposta de organização de um acervo acessível à comunidade e a pesquisadores (HIMMELMANN, 2006; AUSTIN; SALLABANK, 2011; ROSENBROCK, 2025b).

2.5 Síntese e conexão com a pesquisa

Em conjunto, os eixos elencados organizam o olhar do estudo: (i) língua como prática identitária e de memória, permitindo interpretar o *Badisch* como parte de pertencimentos locais e de narrativas familiares; (ii) vitalidade linguística e transmissão intergeracional, oferecendo critérios para descrever manutenção, perda,

compreensão passiva e uso ativo; (iii) línguas de imigração, nacionalização e contato linguístico, situando o objeto em um panorama regional marcado pela colonização, pela escolarização em português e pela retração das variedades alemãs para domínios domésticos; (iv) dialetologia e variação, compreendendo o *Badisch* como repertório de herança badense, heterogêneo e transformado em contexto brasileiro; e (v) documentação linguística, história oral e pesquisa qualitativa, fundamentando o método de entrevistas, transcrição, organização do vocabulário e devolutiva comunitária.

Dessa forma, a teoria atua como facilitadora: ela ajuda a transformar entrevistas em evidências organizadas e a conectar o que as famílias relatam - práticas, sentimentos, lembranças, silêncios, constrangimentos e usos cotidianos - com processos sociolinguísticos mais amplos, como mudança geracional, deslocamento de domínios, estigma linguístico, contato com o português e diferenciação entre dialeto e *Hochdeutsch*.

Essa articulação evita tratar o *Badisch* apenas como “vocabulário antigo” ou como “alemão preservado”, permitindo analisá-lo como prática social viva, ainda que fragilizada, cuja continuidade depende de memória, uso, reconhecimento comunitário e documentação adequada.

A fundamentação também orienta a análise dos produtos finais do projeto. O relatório, o vocabulário e o acervo digital não constituem apenas entregas documentais, mas instrumentos de salvaguarda e de acesso público. Ao registrar termos, narrativas e usos reais do *Badisch*, a pesquisa contribui para que a língua não permaneça restrita à lembrança privada de algumas famílias, mas possa circular como referência cultural, educacional e histórica para Guabiruba.

Ao mesmo tempo, a documentação produzida não deve ser confundida com revitalização plena: ela representa uma base inicial para futuras ações de valorização, ensino, pesquisa, intercâmbio e fortalecimento dos espaços sociais em que o dialeto ainda pode ser reconhecido e transmitido (FISHMAN, 1991; HIMMELMANN, 2006; UNESCO, 2003; ROSENBROCK, 2025b).

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de pesquisa e abordagem

Esta pesquisa possui caráter exploratório, qualitativo e documental, com aproximação etnográfica, por investigar uma prática linguística preservada principalmente pela oralidade em núcleos familiares e comunitários de Guabiruba/SC. A abordagem qualitativa foi adotada por permitir compreender não apenas o vocabulário do dialeto Badisch, mas também os sentidos sociais, afetivos e culturais atribuídos ao seu uso, à sua transmissão e à sua interrupção entre gerações.

Nesse sentido, o estudo não se limita ao levantamento de palavras isoladas, mas busca registrar contextos de uso, memórias familiares, percepções sobre perda linguística, práticas culturais associadas ao idioma e relações entre Badisch, Hochdeutsch e português. A pesquisa também se caracteriza como exploratória porque parte de um campo ainda pouco sistematizado no município, sem levantamentos amplos e organizados sobre o uso atual do Badisch em Guabiruba.

Assim, os dados coletados não têm a pretensão de representar estatisticamente toda a população local, mas de construir um primeiro mapeamento interpretativo sobre a vitalidade do dialeto, suas formas de permanência, seus deslocamentos e os fatores que contribuíram para sua redução no cotidiano. A metodologia combina entrevistas semiestruturadas, levantamento lexical, formulário online, formulário impresso/presencial, transcrição de áudios, revisão linguística e análise temática do material coletado.

3.2 Local do estudo e recorte territorial

O estudo foi realizado no município de Guabiruba, em Santa Catarina, com atenção especial aos bairros e localidades de Aymoré, Guabiruba Sul, Planície Alta e São Pedro, Imigrantes, definidos no projeto como territórios historicamente associados à

presença de famílias descendentes de imigrantes germânicos e à permanência de práticas de oralidade vinculadas ao Badisch.

O recorte territorial foi escolhido por reunir núcleos familiares em que o dialeto ainda é lembrado, compreendido ou falado, sobretudo entre moradores adultos e idosos, além de representar regiões relevantes para a história cultural e linguística do município. A etapa presencial da pesquisa contemplou 09 entrevistas com núcleos familiares dessas localidades, identificadas por siglas de bairro e iniciais internas de organização do *corpus*.

Além das entrevistas presenciais e do levantamento lexical com participantes desses territórios, a pesquisa também incorporou um questionário online aberto à comunidade. Esse instrumento ampliou o alcance do estudo para moradores e pessoas com vínculos familiares, históricos ou afetivos com Guabiruba, permitindo reunir percepções de diferentes faixas etárias e diferentes níveis de contato com o dialeto. Dessa forma, o recorte territorial principal foi comunitário e familiar, mas a escuta foi ampliada por meio digital para captar uma percepção mais ampla sobre reconhecimento, transmissão, uso e preservação do Badisch.

3.3 Participantes e critérios de seleção

A etapa presencial da pesquisa foi composta por 9 entrevistas com núcleos familiares de Guabiruba, identificadas apenas por siglas de bairro e iniciais internas de organização do *corpus*. Ao todo, participaram 23 pessoas, distribuídas entre os bairros/localidades Aymoré, Guabiruba Sul/Planície Alta e São Pedro/Imigrantes. A opção pelo uso de siglas preserva a rastreabilidade metodológica das entrevistas sem expor nominalmente os participantes no corpo principal do relatório.

Os participantes foram selecionados de forma intencional, considerando sua relação direta com o dialeto Badisch, sua vivência em famílias de descendência germânica e sua inserção em territórios onde o dialeto ainda é lembrado, compreendido ou falado. Em algumas entrevistas, participaram pessoas de diferentes gerações de uma mesma família, o que permitiu observar tanto a fala ativa quanto a

compreensão passiva, o esquecimento parcial e a retomada recente do interesse pelo dialeto.

Como critério de inclusão, foram considerados moradores ou pessoas vinculadas à história familiar e comunitária de Guabiruba que aceitaram participar voluntariamente da pesquisa, autorizando o uso das informações para fins culturais, documentais e analíticos. Como critério de exclusão, não foram considerados depoimentos sem consentimento, respostas incompletas sem possibilidade de interpretação mínima ou dados que não apresentassem relação direta com o objeto da pesquisa. No caso do questionário online, foram consideradas as respostas de participantes que aceitaram o termo inicial de consentimento e responderam ao formulário dentro do período de coleta.

Tabela 01 - Fontes de dados coletados e finalidades

Fonte de dados	Quantidade	Finalidade na pesquisa
Entrevistas	9 núcleos familiares	Registro de memória oral, transmissão, usos e rupturas do Badisch
Participantes	23 pessoas	Composição do <i>corpus</i> qualitativo e perfil sociolinguístico
Questionário online	129 respostas	Levantamento exploratório de percepção comunitária
Formulário impresso	23 registros	Perfil demográfico, familiar e linguístico dos entrevistados
Levantamento lexical	342 termos	Base para vocabulário Badisch–Português

3.4 Procedimentos éticos e consentimento

Todos os participantes das entrevistas presenciais assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), autorizando a participação na pesquisa e o uso do material para fins culturais, documentais, acadêmicos e de preservação da memória oral. Os termos serão digitalizados e entregues em cópia impressa anexa separadamente ao relatório, conforme a destinação institucional prevista para o projeto.

Durante as entrevistas, os participantes foram informados de que a gravação em áudio fazia parte do processo de documentação, que a participação era voluntária e que o objetivo da pesquisa não era avaliar domínio linguístico, mas registrar vivências, memórias, formas de uso e repertórios associados ao Badisch. O roteiro de campo previa orientações - tais como não corrigir o entrevistado, não completar frases e permitir pausas - reforçando o cuidado com a escuta qualitativa e com a espontaneidade dos relatos.

No questionário online, a primeira etapa consistiu na manifestação de consentimento do participante. O formulário registrou 129 respostas, todas com aceite de participação, entre 02 de março de 2026 e 18 de abril de 2026. As respostas foram tratadas de forma agregada, priorizando a análise de tendências gerais, percepções coletivas e recorrências temáticas.

3.5 Instrumentos de coleta de dados

A coleta de dados foi realizada por meio de instrumentos complementares: questionário online, formulário impresso/presencial, entrevistas semiestruturadas gravadas em áudio, levantamento lexical orientado por campos semânticos e anotações técnicas de tradução/revisão. A combinação desses instrumentos permitiu cruzar percepções quantitativas exploratórias, relatos qualitativos e registros linguísticos específicos, especialmente no que se refere a vocabulário, pronúncia, usos sociais, memórias familiares e variações entre Badisch, Hochdeutsch e português.

3.5.1 Questionário online

O questionário online teve como objetivo levantar percepções gerais da comunidade sobre reconhecimento, compreensão, fala, frequência de uso, transmissão familiar, preconceito linguístico, motivos atribuídos à interrupção do dialeto e ações consideradas importantes para sua preservação. O público-alvo incluiu moradores de Guabiruba, pessoas nascidas no município, descendentes de famílias locais e

indivíduos com algum vínculo cultural, familiar ou afetivo com a cidade - a partir da vivência familiar nela.

O formulário foi aplicado entre 02 de março de 2026 e 18 de abril de 2026, resultando em 129 respostas válidas. Sua estrutura contemplou perguntas sobre perfil dos respondentes, relação com Guabiruba, primeira língua ou dialeto aprendido na infância, línguas e dialetos compreendidos e falados, nível de compreensão e fala do Badisch, contextos de uso, experiências de preconceito, formas de contato com o dialeto, transmissão familiar, importância da preservação e sugestões de ações futuras.

As respostas foram organizadas em planilha CSV e analisadas por meio de contagem de frequências, cruzamentos simples e leitura qualitativa das respostas abertas. Por se tratar de um formulário de participação espontânea, os dados do questionário online foram tratados como levantamento exploratório de percepção comunitária, e não como amostra estatística representativa da população total do município.

3.5.2 Formulário impresso

O formulário impresso foi utilizado como instrumento de apoio durante a coleta em campo, especialmente para organizar informações básicas dos participantes, registrar dados contextuais da entrevista e apoiar o mapeamento demográfico e linguístico da etapa presencial. Esse instrumento permitiu sistematizar informações como bairro, localidade, ano de nascimento, gênero, escolaridade, ocupação, composição familiar, presença de idosos na casa, presença de falantes do dialeto na residência, línguas e dialetos compreendidos e falados, autopercepção de compreensão e fala do Badisch, frequência de uso, contextos de circulação e transmissão familiar.

Os dados dos formulários impressos foram posteriormente passados a limpo e agrupados por localidade, considerando Aymoré, Guabiruba Sul, Planície Alta, São Pedro e Imigrantes. Nos casos em que os números não fecharam em determinada pergunta, os campos foram classificados como “não respondido/não se aplica”, evitando inferências indevidas. Esse procedimento permitiu produzir tabelas

descritivas do *corpus* presencial, sem extrapolar os resultados para além dos participantes efetivamente entrevistados.

3.5.3 Roteiro de entrevista semiestruturada

O roteiro de entrevista semiestruturada utilizado no projeto foi organizado em blocos temáticos voltados à aprendizagem, uso, ruptura e identidade. No primeiro bloco, buscou-se compreender como o participante aprendeu a falar o dialeto e qual foi o papel da família e da escola nesse processo. No segundo, investigaram-se os espaços de uso do Badisch, como casa, vizinhança, trabalho, igreja, datas especiais e encontros comunitários. No terceiro, foram abordados fatores associados à redução do uso da língua, como escolarização em português, vergonha social, influência da mídia, urbanização, mudança econômica, casamentos entre falantes e não falantes e perda do hábito de transmissão. No quarto bloco, o roteiro buscou compreender o significado simbólico do dialeto para os participantes e suas percepções sobre preservação, ensino e futuro da língua.

Além da parte narrativa, o roteiro contemplou um levantamento lexical dirigido, com perguntas como: “Como se fala em Badisch?”, “Há variações?”, “Em que contexto essa palavra era usada?”, “Quais palavras quase não se ouvem mais?” e “Existem expressões típicas?”. Esse procedimento permitiu associar o levantamento lexical às memórias e contextos de uso, evitando tratar as palavras como itens isolados.

As entrevistas tiveram duração média aproximada de uma hora e meia por núcleo familiar. Em geral, cerca de uma hora foi dedicada à conversa semiestruturada e cerca de trinta minutos ao levantamento de vocabulário em dialeto. A forma principal de registro foi a gravação em áudio, complementada por notas de campo, formulário impresso e tabelas de vocabulário.

3.6 Procedimentos de campo

O trabalho de campo envolveu identificação de possíveis participantes, contato prévio, agendamento das entrevistas e realização das conversas em ambientes familiares ou comunitários, conforme a disponibilidade dos entrevistados. A escolha

por locais próximos ao cotidiano dos participantes buscou favorecer uma escuta mais espontânea, especialmente por se tratar de uma pesquisa baseada em memória oral, vínculos familiares e repertórios linguísticos muitas vezes acionados por lembranças, objetos, situações domésticas e referências afetivas.

As entrevistas foram conduzidas a partir dos blocos do roteiro, mas com abertura para que os participantes narrassem memórias, cantassem, rezassem, contassem causos, comentassem experiências de trabalho, relatassem situações de escola e comparassem formas de fala entre famílias e bairros. Em alguns casos, a entrevista assumiu formato mais narrativo; em outros, aproximou-se de um levantamento lexical por categorias. Essa variação foi considerada parte do próprio desenho qualitativo do estudo, pois diferentes participantes apresentaram níveis distintos de fluência, memória, segurança e disposição para falar o dialeto.

As notas de campo foram registradas por código de entrevista, com marcações aproximadas de tempo e observações qualitativas sobre momentos relevantes da conversa. Essas anotações registram, por exemplo, situações em que participantes passaram a dialogar espontaneamente em Badisch, reações de emoção ou riso, relatos de dificuldade escolar, lembranças de orações e cantos em alemão, experiências de trabalho em fábricas, usos do dialeto na vizinhança, relatos de deboche ou preconceito linguístico e percepções sobre a perda de transmissão entre gerações.

Além disso, no questionário online é dada a possibilidade de preencher um formulário de contato para colaborar voluntariamente com entrevistas. Entretanto, tais contatos não foram realizados até o fim deste relatório, com intenção de abrir um novo ciclo de entrevistas e aprofundamento futuramente, dando continuidade à investigação em novas fases.

3.7 Transcrição, organização e tratamento do material

O *corpus* da pesquisa foi organizado a partir de quatro conjuntos principais de dados: áudios das entrevistas, notas de campo, tabelas de vocabulário e respostas ao questionário online. As entrevistas foram identificadas por siglas de bairro e

iniciais internas, permitindo mapear o material sem expor nominalmente os participantes no corpo principal do relatório. A listagem final das entrevistas, com código, bairro/localidade, número de participantes, duração aproximada e observações gerais, será utilizada como instrumento de controle do *corpus*.

Os áudios das entrevistas e depoimentos foram organizados em arquivos digitais, preservando, sempre que possível, marcas relevantes da oralidade, como hesitações, alternâncias entre português, Badisch e Hochdeutsch, reformulações, explicações espontâneas e comentários sobre dificuldade ou lembrança de determinados termos. As transcrições foram utilizadas como base para a análise temática e para a extração de palavras, expressões e exemplos de uso destinados ao vocabulário.

O material lexical foi organizado em tabelas comparativas contendo, quando possível, quatro campos principais: termo em português, referência em Hochdeutsch, forma registrada em Badisch - geralmente fonética e observações contextuais. Essa estrutura permitiu observar recorrências, variações fonéticas, aproximações com o alemão padrão, adaptações vindas do português e lacunas de tradução. A tabela completa de palavras levantadas em todas as entrevistas será mencionada no relatório, enquanto o corpo principal apresentará também uma amostra comentada do vocabulário e dos principais fenômenos observados.

As anotações técnicas produzidas com apoio de ferramentas de inteligência artificial, como Chat GPT, NotebookLM e Gemini, foram tratadas apenas como material auxiliar de organização, não como fonte conclusiva. Afirmativas interpretativas geradas por IA foram submetidas à revisão humana e à checagem com os dados primários, especialmente quando envolviam hipóteses etimológicas, datações históricas ou classificações linguísticas mais específicas.

3.8 Técnicas de análise

A análise dos dados foi realizada por meio de análise temática qualitativa, combinada com procedimentos de organização lexical e leitura sociolinguística dos registros. Inicialmente, as entrevistas, notas de campo e respostas abertas foram

lidas para identificação de temas recorrentes, como transmissão intergeracional, uso doméstico do dialeto, papel da escola, influência do português, vergonha ou preconceito linguístico, memória familiar, oralidade, práticas religiosas, cantos, trabalho rural, vida comunitária e percepções sobre preservação.

Em seguida, os dados foram agrupados em categorias analíticas, permitindo relacionar os relatos individuais a processos mais amplos de manutenção e deslocamento linguístico. O questionário online foi analisado por frequências simples e por leitura interpretativa das respostas abertas, funcionando como complemento ao material qualitativo das entrevistas. Já o levantamento lexical foi analisado por campos semânticos, observando quais grupos de palavras apresentaram maior estabilidade, quais geraram maior hesitação, quais revelaram influência do português e quais indicaram ausência ou substituição de termos diante de objetos, práticas ou conceitos mais recentes.

A análise lexical e linguística também considerou a revisão da pesquisadora colaboradora Roseane Huber de Souza, especialmente nos casos de comparação entre Badisch, Hochdeutsch e português. Alguns termos foram tratados como achados linguístico-culturais específicos quando sustentados por recorrência nas entrevistas, validação da revisão linguística ou hipótese interpretativa claramente indicada como tal. É o caso de termos como “Kôfani/Koffani”, associado de forma hipotética à circulação de obras religiosas de Leonard Goffiné, e “Luftschif/Luftschiff”, registrado como forma relacionada à ideia de dirigível ou embarcação aérea para designar “avião”.

Para o vocabulário, foram priorizados termos recorrentes, culturalmente relevantes ou linguisticamente significativos, especialmente aqueles relacionados à vida doméstica, parentesco, alimentação, trabalho, religião, natureza, tempo, corpo, emoções e práticas culturais. A grafia das palavras em Badisch foi tratada como uma padronização de trabalho, baseada na escuta, na transcrição fonética aproximada e na revisão da pesquisadora/tradutora, sem pretensão de fixar uma ortografia definitiva para o dialeto - tendo em vista a ausência de registros escritos do Badisch, sendo um dialeto tradicionalmente de transmissão oral.

3.9 Limitações do estudo

Como pesquisa exploratória e qualitativa, este estudo apresenta limitações próprias de um primeiro levantamento comunitário. A amostra de entrevistas foi intencional e concentrada em núcleos familiares e territórios selecionados, não permitindo generalizações estatísticas para toda a população de Guabiruba (SC). Além disso, o grau de lembrança, fluência ou segurança dos participantes varia conforme idade, trajetória escolar, convivência familiar, contato recente com o dialeto e experiências pessoais de uso ou interrupção da fala.

Outra limitação refere-se ao caráter predominantemente oral do Badisch, que não possui uma padronização ortográfica local consolidada. Por isso, a transcrição dos termos exige escolhas metodológicas e revisão cuidadosa, sobretudo quando há variações entre falantes ou aproximações diferentes em relação ao Hochdeutsch. Também devem ser consideradas possíveis interferências do português, do alemão padrão e de outras variedades germânicas conhecidas pelos participantes ou pelos revisores.

No caso do questionário online, os dados foram obtidos por adesão espontânea, o que pode concentrar respostas de pessoas previamente interessadas no tema, com algum vínculo familiar ou afetivo com o dialeto. Portanto, os resultados do formulário devem ser lidos como indicadores exploratórios de percepção comunitária, e não como representação estatística de toda a população do município.

Por fim, materiais produzidos com auxílio de inteligência artificial foram utilizados apenas como apoio à tradução, transcrição, organização e leitura inicial dos dados, sendo necessário revisar criticamente qualquer interpretação não confirmada pelas entrevistas, pelas tabelas lexicais ou por fontes bibliográficas confiáveis.

4 EXECUÇÃO DO PROJETO

4.1 Identificação do projeto

O presente relatório corresponde à execução do projeto A preservação do dialeto Badisch em Guabiruba (SC), realizado no âmbito do Fundo Municipal de Apoio à Cultura de Guabiruba, com desenvolvimento entre janeiro e julho de 2026. A pesquisa foi conduzida por Elivelton Reichert, proponente e pesquisador responsável, com a colaboração de Roseane Huber de Souza, pesquisadora, tradutora português-alemão e revisora textual.

O projeto teve como finalidade investigar, registrar e analisar a situação atual do dialeto Badisch em Guabiruba (SC), com foco na transmissão intergeracional, nos usos familiares e comunitários, nas memórias orais e no levantamento de vocabulário. A execução concentrou-se especialmente nos bairros e localidades de Aymoré, Guabiruba Sul e São Pedro, por serem territórios historicamente associados à presença de famílias descendentes de imigrantes germânicos e à permanência de práticas de oralidade vinculadas ao dialeto.

A pesquisa resultou na formação de um *corpus* composto por entrevistas gravadas em áudio, formulários presenciais, notas de campo, respostas de questionário online, tabelas de vocabulário, transcrições e materiais de apoio para a produção do relatório final e do vocabulário Badisch–Português.

4.2 Cronograma planejado x executado

Tabela 02 - Cronograma de Execução

Etapa	Previsto	Executado	Observações / ajustes
Metodologia de pesquisa e roteiro de entrevistas	01/2026 a 02/2026	01/2026 a 02/2026	Foram definidos o roteiro semiestruturado, os blocos temáticos da entrevista e o vocabulário dirigido.
Mapeamento dos núcleos familiares	02/2026	02/2026 a 03/2026	Foram identificados participantes nos bairros/localidades Aymoré, Guabiruba Sul/Planície Alta e São Pedro/Imigrantes.

Coleta de dados por entrevistas	02/2026 a 04/2026	02/2026 a 04/2026	Foram realizadas 9 entrevistas com núcleos familiares, totalizando 23 participantes.
Questionário online	03/2026 a 04/2026	02/03/2026 a 18/04/2026	O formulário online reuniu 129 respostas válidas e complementou a escuta presencial.
Formulários impressos/presenciais	02/2026 a 04/2026	02/2026 a 04/2026	Os formulários foram utilizados para registrar perfil demográfico, familiar e linguístico dos participantes presenciais.
Transcrição, organização e tratamento do material	03/2026 a 06/2026	03/2026 a 05/2026	O material foi organizado por siglas, com áudios, notas de campo, tabelas lexicais e dados de formulário.
Produção do relatório de pesquisa	06/2026	05/2026	O relatório final reúne metodologia, execução, análise dos dados, vocabulário e considerações finais.
Criação do vocabulário e acervo digital	06/2026	05/2026	A tabela geral de palavras compõe a documentação complementar e serve de base para o vocabulário Badisch–Português.
Apresentação e devolutiva comunitária	07/2026	07/2026	Etapa de difusão pública vinculada à publicação do relatório final. As evidências da ação serão anexadas em documentação complementar de prestação de contas.

4.3 Atividades realizadas

A execução do projeto iniciou-se com a definição da metodologia de pesquisa, elaboração do roteiro semiestruturado e organização dos instrumentos de coleta. O roteiro foi estruturado em blocos voltados à aprendizagem do dialeto, seus contextos de uso, os fatores de ruptura e a dimensão identitária do Badisch. Além disso, foi incorporado um levantamento lexical dirigido, com o objetivo de registrar palavras, variações, expressões, contextos de uso e termos pouco lembrados ou em processo de desaparecimento.

Em seguida, foi realizado o mapeamento de núcleos familiares nos bairros e localidades definidos como prioritários para a pesquisa. A seleção dos participantes considerou vínculos familiares com o dialeto, vivência comunitária, contato com gerações mais antigas e disponibilidade para compartilhar memórias, vocabulário, cantos, orações, causos e percepções sobre a transmissão da língua.

A etapa presencial resultou em 9 entrevistas com núcleos familiares, totalizando 23 participantes. As entrevistas foram identificadas por siglas, preservando a organização do *corpus* sem expor nominalmente os participantes no corpo principal

do relatório. A distribuição foi a seguinte: 4 entrevistas no Aymoré, com 12 participantes; 3 entrevistas em Guabiruba Sul/Planície Alta, com 7 participantes; e 2 entrevistas em São Pedro/Imigrantes, com 4 participantes.

As entrevistas tiveram duração média aproximada de uma hora e meia por núcleo familiar. Em geral, cerca de uma hora foi dedicada à conversa semiestruturada, abordando temas como casa, escola, trabalho, igreja, datas especiais, causos, músicas, transmissão familiar e percepções sobre o futuro do dialeto. A etapa final, com duração aproximada de trinta minutos, foi dedicada ao levantamento de palavras para o levantamento lexical dirigido.

Paralelamente às entrevistas, foi aplicado um **questionário online**, aberto à comunidade, com o objetivo de ampliar o levantamento de percepções sobre o Badisch. O formulário reuniu **129 respostas válidas**, abordando reconhecimento do dialeto, compreensão, fala, frequência de uso, contato familiar, experiências de preconceito, transmissão entre gerações, importância da preservação e sugestões de ações futuras.

Também foram preenchidos formulários impressos/presenciais com os participantes das entrevistas. Esses formulários registraram informações demográficas, familiares, territoriais e linguísticas, como localidade, ano de nascimento, gênero, escolaridade, ocupação, presença de idosos na residência, presença de falantes do dialeto na casa, línguas/dialetos compreendidos e falados, autopercepção de compreensão e fala do Badisch e frequência de uso atual.

4.4 Registro do corpus

O *corpus* da pesquisa foi organizado em quatro conjuntos principais: entrevistas gravadas em áudio, notas de campo, formulários presenciais e tabelas de vocabulário. A esses materiais somam-se as respostas do questionário online, utilizadas como instrumento complementar de percepção comunitária.

As entrevistas foram identificadas por siglas de bairro/localidade e iniciais internas, mantendo o controle do material sem exposição nominal dos participantes. A listagem abaixo apresenta o registro geral do *corpus* presencial:

Tabela 03 - Registro do Corpus

Código	Bairro/localidade	Nº de participantes	Duração aproximada	Material produzido
AYM-RS	Aymoré	3	Cerca de 1h30	Áudio, notas de campo, formulário e vocabulário
AYM-AR	Aymoré	5		
AYM-AN	Aymoré	2		
AYM-FK	Aymoré	2		
GBS-MB	Guabiruba Sul	3		
GBS-VS	Guabiruba Sul	2		
GBS-EB	Planície Alta	2		
SPD-IK	São Pedro	3		
SPD-RS	Imigrantes	1		

Tabela 04 - Totais da etapa presencial

Indicador	Total
Entrevistas/núcleos familiares	9
Participantes presenciais	23
Bairros/localidades contemplados	3 recortes territoriais principais
Duração média por entrevista	Cerca de 1h30
<i>Tempo médio de conversa semiestruturada</i>	Cerca de 1h
<i>Tempo médio de levantamento lexical</i>	Cerca de 30min
Questionário online	129 respostas válidas

As notas de campo registraram momentos relevantes das entrevistas, como diálogos espontâneos em Badisch, lembranças escolares, experiências de trabalho, relatos de uso do dialeto em casa e na vizinhança, cantos, orações, causos, variações entre bairros e comentários sobre preconceito, sotaque, perda de transmissão e desejo de preservação.

4.5 Organização do acervo e gestão de arquivos

O material coletado foi organizado digitalmente a partir das siglas de identificação das entrevistas, permitindo associar cada núcleo familiar aos respectivos áudios, notas de campo, formulários, transcrições e palavras levantadas. Essa organização facilita a consulta posterior, a checagem de informações e a construção do vocabulário.

As gravações em áudio constituem a base documental primária da pesquisa. A partir delas, foram produzidas transcrições e anotações de apoio, utilizadas para identificar categorias de análise, trechos relevantes e expressões linguísticas. As notas de campo funcionam como guia para localizar momentos específicos das entrevistas, especialmente nos casos em que houve cantos, orações, causos, falas espontâneas no dialeto ou comentários sobre mudanças no uso da língua.

O levantamento lexical foi organizado em tabelas comparativas contendo, sempre que possível, a palavra em português, a referência em Hochdeutsch, a forma registrada em Badisch e observações contextuais. Essa tabela geral de palavras integra a documentação complementar e serve como base para o vocabulário Badisch–Português.

Os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLEs, assinados pelos participantes, integram a documentação administrativa da prestação de contas, em anexo separado. A entrega separada dos TCLEs permite comprovar o consentimento dos participantes sem sobrecarregar o corpo principal do relatório com documentos administrativos.

4.6 Ações de devolutiva

A devolutiva comunitária foi prevista como etapa final de difusão pública dos resultados do projeto, com apresentação do relatório, compartilhamento dos principais achados da pesquisa e entrega dos materiais às instituições de preservação e memória do município.

Por sua própria natureza, essa etapa ocorre após a consolidação do relatório final, uma vez que o documento aqui apresentado constitui a base dos resultados a serem compartilhados com a comunidade. Assim, os registros específicos da devolutiva — como fotografias do encontro, lista de presença, materiais de apresentação, peças de divulgação, comprovantes de entrega institucional e demais evidências — serão reunidos em documentação complementar de prestação de contas, externa ao corpo principal deste relatório.

A devolutiva tem como finalidade apresentar à comunidade os dados sobre transmissão intergeracional, contextos de uso do Badisch, vocabulário levantado, relatos de memória oral e perspectivas de preservação do dialeto. Também integra essa etapa a entrega de cópias digitais do relatório e do acervo às instituições municipais previstas no projeto, especialmente o Museu e Arquivo Histórico de Guabiruba e a Biblioteca Municipal Prefeito Henrique Dirschnabel, conforme compromisso assumido no plano de trabalho.

Dessa forma, este relatório registra a execução da pesquisa e organiza os produtos principais do projeto, enquanto a comprovação da ação pública de devolutiva será incorporada à prestação de contas por meio de anexos próprios, vinculados à etapa final de apresentação comunitária.

4.7 Síntese da execução

Em síntese, a execução do projeto cumpriu as principais etapas previstas: definição metodológica, elaboração do roteiro de entrevistas, mapeamento dos núcleos familiares, realização das entrevistas presenciais, preenchimento dos formulários impressos, organização das notas de campo, sistematização do vocabulário e construção da base documental para o relatório e o vocabulário. Contudo, a aplicação do questionário online não estava prevista no planejamento inicial e foi incorporada no processo para obter melhores resultados na pesquisa.

A etapa presencial superou o recorte inicialmente previsto de 5 a 8 núcleos familiares, alcançando 9 entrevistas com 23 participantes. O questionário online ampliou a escuta comunitária e permitiu cruzar os relatos presenciais com

percepções mais amplas da população interessada no tema. O conjunto de materiais produzidos oferece uma base inicial consistente para compreender a situação atual do Badisch em Guabiruba, registrar sua memória oral e contribuir para ações futuras de salvaguarda, ensino, pesquisa e valorização cultural.

5 RESULTADOS E ANÁLISE PRELIMINAR

5.1 Perfil geral dos respondentes e participantes

A pesquisa reuniu dados provenientes de duas frentes principais de coleta: as entrevistas presenciais com núcleos familiares de Guabiruba e o questionário online aberto à comunidade. A etapa presencial teve caráter qualitativo e documental, com maior profundidade narrativa e lexical; já o formulário online funcionou como levantamento exploratório de percepção comunitária, permitindo ampliar o alcance da escuta para pessoas com diferentes níveis de contato com o Badisch.

5.1.1 Pesquisa qualitativa com entrevista presencial;

Na etapa presencial, foram realizadas 9 entrevistas com núcleos familiares, totalizando 23 participantes. A distribuição territorial contemplou 12 participantes do Aymoré, vinculados a 4 famílias; 7 participantes de Guabiruba Sul/Planície Alta, vinculados a 3 famílias; e 4 participantes de São Pedro/Imigrantes, vinculados a 2 famílias. Esse recorte confirma a concentração do trabalho em localidades historicamente associadas à presença de famílias de descendência germânica e à preservação de práticas de oralidade vinculadas ao Badisch.

Tabela 05 - Distribuição territorial do *corpus* presencial

Bairro/localidade	Entrevistas	Participantes
Aymoré	4	12
Guabiruba Sul	2	5
Planície Alta	1	2
São Pedro	1	3
Imigrantes	1	1
Total	9	23

Quanto ao perfil demográfico, o grupo presencial foi composto por 17 mulheres e 6 homens. Todos os participantes que responderam ao campo de raça/cor foram identificados como brancos, conforme categoria do IBGE. Em relação ao local de

nascimento, 21 participantes nasceram em Brusque/SC, 1 em Blumenau/SC e 1 em Joinville/SC. Essa informação deve ser interpretada considerando que Guabiruba/SC foi emancipada em 1962 e que, historicamente, o atendimento hospitalar da região esteve vinculado a Brusque, o que explica a presença de registros de nascimento em Brusque mesmo entre moradores vinculados historicamente a Guabiruba.

Tabela 06 - Gênero dos participantes presenciais por território

Localidade	Homens	Mulheres	Total
Aymoré	3	9	12
Guabiruba Sul / Planície Alta	1	6	7
São Pedro / Imigrantes	2	2	4
Total	6	17	23

A composição etária do grupo presencial revela a presença de diferentes gerações, com participantes nascidos entre as décadas de 1930 e 1990. Essa amplitude é relevante para a pesquisa porque permite observar diferentes experiências de contato com o Badisch: participantes mais velhos que tiveram o dialeto como língua cotidiana na infância; participantes de gerações intermediárias que vivenciaram a transição entre Badisch, português e, em alguns casos, Hochdeutsch; e participantes mais jovens que apresentam trajetórias de compreensão parcial, reaprendizagem ou interesse recente pelo idioma.

Em relação à escolaridade, predominou o ensino fundamental incompleto, informado por 14 participantes. Outros 4 participantes indicaram ensino médio completo e 5 possuem pós-graduação. Esse dado dialoga diretamente com os relatos das entrevistas, nos quais a escola aparece como espaço de transição linguística: para muitos participantes mais velhos, o português foi aprendido ou consolidado no ambiente escolar, enquanto o Badisch permaneceu associado ao espaço doméstico, familiar e comunitário.

Quanto à ocupação ou atividade principal, o grupo inclui 9 aposentados, 6 empregados, 4 autônomos e 2 pessoas do lar, além de 2 registros classificados como “não respondido/não se aplica”. As trajetórias profissionais mencionadas nos

formulários e entrevistas atravessam setores como indústria, agricultura, educação, comércio, serviços e trabalho doméstico. Esse dado contribui para a análise sociolinguística porque os relatos indicam que o Badisch esteve presente não apenas no ambiente doméstico, mas também em deslocamentos, fábricas, lavouras, vizinhanças e espaços comunitários.

Do ponto de vista linguístico, o *corpus* presencial apresenta forte vínculo com o Badisch. Na autopercepção de compreensão do dialeto, 13 participantes afirmaram compreender “muito bem”, 6 “bem”, 3 em nível “médio” e 1 “pouco”. Quanto à autopercepção de fala, 13 participantes se declararam fluentes, 6 indicaram falar “bem”, 3 em nível “médio” e 1 declarou não falar. Esses dados mostram que, dentro da etapa presencial, o Badisch ainda se mantém como repertório vivo, embora com diferentes graus de domínio e uso entre os participantes.

Tabela 07 - Autopercepção de compreensão do Badisch entre participantes presenciais

Bairro/localidade	Nada	Pouco	Médio	Bem	Muito bem	Total
Aymoré	0	0	1	5	6	12
Guabiruba Sul / Planície Alta	0	1	0	1	5	7
São Pedro / Imigrantes	0	0	2	0	2	4
Total	0	1	3	6	13	23

Tabela 08 - Autopercepção de fala do Badisch entre participantes presenciais

Bairro/localidade	Não fala	Pouco	Médio	Bem	Fluente	Total
Aymoré	0	0	1	5	6	12
Guabiruba Sul / Planície Alta	1	0	1	0	5	7
São Pedro / Imigrantes	0	0	1	1	2	4
Total	1	0	3	6	13	23

Apesar da forte presença oral do Badisch, a leitura e escrita no dialeto praticamente não aparecem entre os entrevistados. Apenas 1 participante indicou ler ou escrever algo no dialeto, enquanto 21 responderam que não, e 1 registro ficou como não respondido/não se aplica. Esse retorno reforça a percepção de que o Badisch pode

ser percebido sobretudo como língua de oralidade, memória e convivência, e não como língua escrita ou escolarizada.

Quanto à frequência atual de uso, 12 participantes indicaram usar o Badisch “sempre”, 4 “quase sempre”, 5 “às vezes”, 1 “raramente” e 1 “nunca”. Esse resultado precisa ser interpretado dentro do perfil do *corpus*: por se tratar de uma amostra intencional, composta por famílias selecionadas justamente por sua relação com o dialeto, os números não representam toda a população de Guabiruba, mas demonstram que ainda há núcleos familiares e comunitários onde o Badisch circula de forma ativa.

Tabela 09 - Frequência atual de uso do Badisch entre participantes presenciais

Bairro/localidade	Nunca	Raramente	Às vezes	Quase sempre	Sempre	Total
Aymoré	0	1	3	3	5	12
Guabiruba Sul / Planície Alta	1	0	1	0	5	7
São Pedro / Imigrantes	0	0	1	1	2	4
Total	1	1	5	4	12	23

Os contextos de uso ou escuta reforçam a centralidade da casa e das redes de proximidade. Todos os 23 participantes marcaram o ambiente doméstico como espaço de uso ou contato com o Badisch. Além disso, 11 mencionaram festas ou encontros, 8 indicaram rua ou comércio e 3 apontaram o trabalho. Quando perguntados com quem costumam usar mais o dialeto, os grupos mais citados foram: vizinhos, amigos, cônjuges, filhos, pais e igreja/comunidade. Esses pontos sugerem que o Badisch circula principalmente em relações familiares, de vizinhança, amizade e pertencimento local, e não em instituições formais.

Tabela 10 - Situações em que mais usa ou ouvia o dialeto

Bairro/localidade	Em casa	Festas/encontros	Trabalho	Rua/comércio
Aymoré	12	8	1	4
Guabiruba Sul / Planície Alta	7	2	2	3
São Pedro / Imigrantes	4	1	0	1
Total	23	11	3	8

Pergunta de múltipla resposta; os totais não somam 23.

A percepção sobre transmissão familiar é um dos pontos mais relevantes da etapa presencial. Todos os 23 participantes indicaram que seus avós e pais falavam Badisch. Entre os próprios participantes, 21 afirmaram falar o dialeto e 2 declararam falar “um pouco”. No entanto, ao observar a geração seguinte, os dados apontam maior fragilidade: apenas 8 indicaram que filhos ou netos falam Badisch, enquanto 5 responderam que não falam, 6 indicaram que falam “um pouco” e 4 registros ficaram como não respondido/não se aplica. Esse contraste evidencia uma tendência de redução da transmissão intergeracional ativa, especialmente quando comparada à presença quase total do dialeto nas gerações de avós e pais.

Tabela 11 - Transmissão familiar percebida

Indicador	Sim	Não	Um pouco	Não sei	Não se aplica	Total
Avós falavam Badisch	23	0	0	0	0	23
Pais falavam Badisch	23	0	0	0	0	23
O próprio participante fala Badisch	21	0	2	0	0	23
Filhos/netos falam Badisch	8	5	6	0	4	23

5.1.2 Pesquisa em questionário online;

Além dos dados presenciais, o questionário online reuniu 129 respostas válidas entre 02 de março e 18 de abril de 2026. O perfil dos respondentes online é mais amplo e menos controlado do que o da etapa presencial, pois se trata de um formulário aberto à comunidade. Ainda assim, ele permite identificar tendências importantes de percepção social sobre o Badisch.

No questionário online, a maior parte dos respondentes está nas faixas de 25 a 54 anos, com destaque para o grupo de 35 a 44 anos, que concentrou 44 respostas. Quanto ao gênero, 75 respondentes se identificaram como mulheres e 54 como homens. Em relação à escolaridade, o perfil online apresenta maior presença de pessoas com ensino superior completo ou pós-graduação, diferentemente da etapa presencial, em que predominou o ensino fundamental incompleto. Essa diferença é importante porque indica que o formulário online alcançou um público mais escolarizado e, possivelmente, mais habituado a responder pesquisas digitais.

Tabela 12 - Faixa etária dos respondentes do questionário online

Faixa etária	Frequência	%
13 - 17 anos	2	1,55%
18 - 24 anos	8	6,20%
25 - 34 anos	28	21,71%
35 - 44 anos	44	34,11%
45 - 54 anos	23	17,83%
55 - 64 anos	16	12,40%
65 anos ou mais	8	6,20%
Total	129	100,00%

Tabela 13 - Gênero dos respondentes do questionário online

Gênero	Frequência	%
Homem	54	41,8%
Mulher	75	58,2%
Total	129	100%

Tabela 14 - Escolaridade dos respondentes do questionário online

Escolaridade	Frequência	%
Ensino fundamental incompleto	5	
Ensino fundamental completo	2	
Ensino médio incompleto	1	
Ensino médio completo	37	
Ensino superior incompleto	4	
Ensino superior completo	41	
Pós-graduação	39	
Total	129	

Quanto à relação com Guabiruba, 107 respondentes afirmaram ter nascido e morar na cidade, enquanto 13 indicaram não morar atualmente no município. Outros responderam morar em Guabiruba há diferentes períodos.

Tabela 15 - Relação dos respondentes online com Guabiruba

Relação com Guabiruba	Frequência	%
Nasci aqui e moro aqui	107	82,9%
Não moro em Guabiruba	13	10%
Moro aqui há mais de 20 anos	5	3,87%
Moro aqui entre 11 e 20 anos	2	1,55%
Moro aqui entre 5 e 10 anos	1	0,84%
Moro aqui há menos de 5 anos	1	0,84%
Total	129	100%

Quando perguntados sobre a primeira língua ou dialeto aprendido na infância, 56 respondentes indicaram apenas o português e 47 indicaram apenas o Alemão - Dialeto Badisch. Outros 20 marcaram português e Badisch conjuntamente, e um grupo menor indicou combinações envolvendo português, alemão gramatical, Badisch, inglês ou italiano.

Esses dados sugerem que, mesmo no formulário online, há uma presença significativa de pessoas que tiveram o Badisch como língua de infância ou como parte do repertório inicial de comunicação familiar.

Tabela 16 - Primeira língua ou dialeto aprendido na infância segundo o questionário online

Primeira língua/dialeto aprendido	Frequência	%
Português	56	43,4%
Alemão + Dialeto Badisch	47	36,4%
Português + Alemão + Dialeto Badisch	20	15,5%
Português + Alemão gramatical	2	1,55%
Alemão gramatical	2	1,55%
Alemão gramatical + Inglês	1	0,8%
Alemão gramatical + Italiano	1	0,8%
Total	129	

Entende-se como “Alemão gramatical” a denominação para Hochdeutsch.

O reconhecimento do Badisch também foi expressivo no formulário online: 117 respondentes afirmaram já ter ouvido falar ou reconhecer o dialeto específico de Guabiruba, 7 disseram não ter certeza e 5 responderam que não. Entre os que responderam às escalas de compreensão e fala, observa-se uma diferença importante: há mais respondentes nos níveis altos de compreensão do que nos níveis altos de fala.

Isso indica um padrão de compreensão passiva, em que parte da população reconhece ou entende o dialeto, mas não necessariamente o utiliza com fluência no cotidiano. Tal dado pode favorecer uma amostragem mais ampla para reconhecimento do dialeto como parte da identidade local.

Tabela 17 - Autopercepção de compreensão do Badisch no questionário online

Resposta	1	2	3	4	5	Não respondido	Total
Frequência	13	23	22	23	36	12	129
%	10%	17,8%	17%	17,8%	27,9%	9,3%	100%

Escala de 1 a 5; quanto maior a nota, maior a autopercepção de compreensão. Foram 117 respostas válidas para este item.

Tabela 18 - Autopercepção de fala do Badisch no questionário online

Resposta	1	2	3	4	5	Não respondido	Total
Frequência	28	29	26	14	20	12	129
%	21,7%	22,4%	20,1%	10,8%	15,5%	9,3%	100%

Escala de 1 a 5; quanto maior a nota, maior a autopercepção de fala. Foram 117 respostas válidas para este item.

A frequência de uso no formulário online reforça a diferença entre reconhecer, compreender e falar ativamente. Embora 117 respondentes reconheçam o Badisch, apenas 28 afirmaram utilizá-lo diariamente. Outros 23 indicaram uso semanal, 9 mensal, 32 raramente e 25 nunca. Assim, o questionário aponta uma circulação social ainda existente, mas bastante desigual, com parte dos respondentes mantendo uso frequente e outra parte situada em contato esporádico ou apenas memorial.

Tabela 19 - Frequência de uso do Badisch no questionário online

Resposta	Nunca	Raro	Mensal	Semanal	Diário	Não respondido	Total
Frequência	25	32	9	23	28	12	129
%	19,3%	24,8%	6,9%	17,8%	21,7%	9,3%	100%

As situações de uso e escuta do Badisch no formulário online também confirmam a centralidade da família. A alternativa mais marcada foi “membros da família (pais, avós, tios)”, com 104 marcações. Em seguida, aparecem eventos e festas tradicionais, amigos e colegas de trabalho ou clientes.

Esse dado dialoga com a etapa presencial, na qual o ambiente doméstico e as redes comunitárias também aparecem como principais espaços de circulação do dialeto.

Tabela 20 - Situações de uso ou escuta do Badisch no questionário online

Membros da família	Amigos	Colegas de trabalho/clientes	Eventos e festas tradicionais	Não usa nem ouve regularmente
104	27	17	34	7

Pergunta de múltipla resposta; os totais não somam 129.

Quanto às experiências de preconceito ou ofensa relacionadas ao uso do dialeto, 28 respondentes afirmaram já ter passado por esse tipo de situação, 76 disseram que não e 13 não se recordam. Entre os que responderam à pergunta seguinte, 10 indicaram que isso influenciou a deixar de usar ou falar o dialeto, 34 responderam que não e 3 marcaram “talvez”.

Esses dados indicam que o preconceito não aparece como experiência universal, mas representa um fator relevante para parte dos respondentes, especialmente quando articulado aos relatos de sotaque, correção escolar, vergonha ou deboche presentes nas entrevistas.

Tabela 21 - Experiência de preconceito ou ofensa pelo uso do dialeto

Resposta	Sim	Não	Não me recordo	Não se aplica	Total
Frequência	28	76	13	12	129
%	21,7%	58,9%	10%	9,3%	100%

Na percepção dos respondentes online, os principais motivos para a redução do uso cotidiano do Badisch são a priorização do português pela escola e a interrupção do uso dentro da própria família. Quando a pergunta permitia múltiplas respostas, 79 pessoas marcaram “a escola priorizou apenas o português” e 70 marcaram “os familiares deixaram de falar em casa”. Também apareceram como fatores importantes os casamentos com pessoas que não falam o dialeto, a mudança no estilo de vida, o preconceito ou vergonha de falar, a influência da mídia e o emprego em empresas que não utilizavam o idioma.

Tabela 22 - Motivos atribuídos à redução do uso cotidiano do Badisch

Motivo	Frequência
Escola priorizou o português	79
Familiares deixaram de falar em casa	70
Casamentos com não falantes	36
Mudança no estilo de vida	26
Preconceito/vergonha	25
Televisão/internet/mídia	22
Emprego sem uso do idioma	12
Não sei	3

Pergunta de múltipla resposta; os totais não somam 129.

Quando a pergunta solicitou o principal motivo pelo qual o dialeto deixou de ser ensinado ou falado pelas gerações mais jovens, a resposta mais recorrente foi “os pais deixaram de falar em casa”, com 45 marcações, seguida de “a escola priorizou apenas o português”, com 34. Essa diferença é importante: quando os respondentes puderam marcar vários fatores, a escola apareceu em primeiro lugar; quando precisaram escolher um fator principal, a responsabilidade percebida se deslocou mais fortemente para a família e para a interrupção da transmissão doméstica.

A hipótese deste deslocamento também dá-se pela experiência das gerações bilíngues no deslocamento do uso do Badisch ao serem alfabetizados em português na escola, e quando cabe a tarefa de utilização doméstica e reforço da transmissão do dialeto aos seus descendentes, tende a não ser praticada pelas vivências e deslocamentos da atualidade. Em resumo, o dialeto tende a perder utilidade quando uma língua é priorizada fora e dentro de casa para comunicação facilitada.

Tabela 23 - Principal motivo atribuído à interrupção nas gerações mais jovens

Motivo	Quantidade	%
Os pais deixaram de falar em casa	45	34,9%
A escola priorizou apenas o português	34	26,35%
Casamentos com pessoas que não falam o dialeto	16	12,40%
Mudança no estilo de vida (trabalho, cidade, mobilidade)	14	10,85%
Preconceito ou vergonha de falar o dialeto	8	6,20%
Influência da televisão/internet/mídia	6	4,65%
Não sei / nunca pensei sobre isso	3	2,32%
Leis antigermânicas	1	0,77%
Falta de interesse dos jovens	1	0,77%
Emprego em empresas que não usavam o idioma/dialeto	1	0,77%
Total	129	100%

Por fim, o formulário online revelou forte adesão à preservação do Badisch. Dos 129 respondentes, 128 consideraram “muito importante” preservar o dialeto como patrimônio cultural de Guabiruba.

Além disso, 119 responderam que gostariam que o dialeto ou a língua alemã fosse ensinado novamente às novas gerações, 7 marcaram “talvez” e 2 disseram nunca ter pensado sobre isso.

As ações mais indicadas pelos respondentes para a preservação foram: incentivo nas escolas, cursos para ensinar o idioma e o dialeto, eventos e encontros culturais, registros digitais, intercâmbios com cidades da Alemanha, criação de leis de incentivo e uso em mídias locais.

Tabela 24 - Ações consideradas importantes para preservação do Badisch

Categoria	Quantidade
Incentivo nas escolas	115
Cursos de idioma/dialeto	92
Eventos culturais	77
Registros digitais	62
Intercâmbios	61
Leis de incentivo	54
Mídias locais	42

Pergunta de múltipla resposta; os totais não somam 129.

Em conjunto, os dados presenciais e online apontam para um cenário sociolinguístico marcado por três movimentos simultâneos: permanência, deslocamento e desejo de retomada.

A permanência aparece na presença ainda ativa do Badisch em núcleos familiares, vizinhanças e redes comunitárias; o deslocamento aparece na redução da transmissão para filhos e netos, na diferença entre compreensão e fala e na centralidade crescente do português nos ambientes de ensino formal; e o desejo de retomada aparece no alto índice de reconhecimento da importância do dialeto e no apoio a ações de ensino, registro e valorização pública.

Assim, o perfil dos participantes e respondentes confirma que o Badisch segue sendo uma referência cultural significativa em Guabiruba, mas sua continuidade depende de ações que ultrapassem a memória familiar e criem novos espaços de uso, aprendizagem e circulação social.

5.1.3 Considerações sobre o motivo da perda ou redução do uso do Badisch

As respostas abertas do questionário online reforçam que a perda do uso cotidiano do Badisch não é atribuída a um único fator, mas a uma combinação de mudanças sociais, familiares e institucionais. O tema mais recorrente é o papel da escola e da priorização do português, frequentemente associado à entrada das crianças no ambiente escolar sem domínio da língua portuguesa e à consequente redução do

uso do dialeto dentro de casa. Esse ciclo se repete desde as gerações que primeiro ingressaram na escola há aproximadamente setenta anos atrás.

Muitos participantes relatam que, para evitar dificuldades escolares, conflitos linguísticos ou constrangimentos, as famílias passaram a falar mais português com os filhos, interrompendo parcialmente a transmissão natural do Badisch: “Meus pais falavam, mas estavam parando ou diminuindo. Quando minha filha nasceu pedi para ensinarem a ela.” (Resposta em questionário online, 2026).

Outro eixo forte é o preconceito linguístico, especialmente relacionado ao sotaque alemão, à ideia de “idioma alemão errado”, ao rótulo de “colono” e a situações de humilhação em ambiente escolar ou social, como aponta a resposta ao questionário ao dizer que “Sempre falavam que era um ‘alemão errado’ o dialeto.” (Resposta em questionário online, 2026).

Em vários relatos, o preconceito aparece como fator emocional decisivo para que respondentes ou seus familiares deixem de falar o dialeto, mesmo mantendo a compreensão. Um comentário no questionário diz que “Na escola comecei ter contato com pessoas que falavam só português [...] sofria bullying por falar português com sotaque alemão.” (Resposta em questionário online, 2026). Isso valida um quadro de compreensão passiva, no qual algumas pessoas entendem bem o Badisch, mas não o utilizam por insegurança, vergonha ou falta de prática.

Alguns participantes observam que, antes, as crianças aprendiam o dialeto porque conviviam mais com pais, avós e vizinhos; com a mudança da rotina familiar, a saída para o trabalho, a escola em português e o consumo de mídia em português ou inglês, o contato cotidiano com o Badisch se enfraqueceu. Um dos respondentes do questionário online diz que a “*Oma* ainda fala o dialeto entre as irmãs e pessoas da geração dela, meu pai entende mas é muito raro ouvir ele falar.” (Resposta em questionário online, 2026).

Há ainda respostas que destacam o valor da escola como possível espaço de recuperação. Alguns participantes lembram que tiveram aulas de alemão ou contato com docentes que incentivaram a língua, e associam essa experiência à manutenção do interesse pelo idioma. Assim, a escola aparece de forma ambivalente: por um lado, como espaço histórico de substituição linguística; por

outro, como possível espaço de revitalização, caso haja ensino, projetos culturais e incentivo institucional.

5.1.4 Síntese de observações finais do questionário online

As memórias compartilhadas são fortemente marcadas pelo ambiente familiar, especialmente pela presença de *Oma*, *Opa*, pais, avós e bisavós. O Badisch aparece como língua da casa, do café, das visitas, das conversas entre adultos, das orientações às crianças, das músicas, das orações e das pequenas frases cotidianas. Esse conjunto de lembranças mostra que o dialeto não é percebido apenas como sistema linguístico, mas como experiência de convivência e pertencimento.

Algumas respostas mencionam situações de afeto, como tomar café na casa da avó, ouvir familiares conversando, lembrar de frases antes de dormir ou perceber que os adultos falavam Badisch entre si enquanto as crianças apenas escutavam. Também aparecem registros de expressões e frases soltas, como "*Schlof guat*", "*Immer langsam*", "*Alles Gut*" - traduzidas respectivamente como "Durma bem", "Vá devagar" e "Tudo bem"-, além de tentativas de escrever frases lembradas da oralidade. Esses trechos são relevantes porque demonstram tanto a permanência de vocabulário de modo afetivo quanto a dificuldade de padronização escrita do dialeto.

Outro grupo de memórias é mais conectado a relatos de ridicularização na escola, zombarias pelo sotaque, constrangimento por ser de Guabiruba ou por falar "alemão", e lembranças de professores ou colegas que desvalorizaram a origem linguística dos respondentes. Esses depoimentos são importantes para a análise porque ajudam a explicar por que uma parte da perda do uso não ocorreu apenas por "desinteresse", mas também por mecanismos sociais de vergonha, correção e repressão simbólica.

Um ponto interessante é a sugestão de um respondente que não fala Badisch, mas mora com pessoas que falam, indicando situações de convivência indireta. Isso mostra que o contato com o dialeto não se limita a falar ou não falar; há também posições intermediárias, como morar com falantes, escutar no cotidiano, reconhecer palavras, entender parcialmente ou participar de ambientes onde o Badisch ainda circula, e que podem auxiliar no resgate do uso.

5.2 O Badisch como língua da casa e da infância

As entrevistas indicam que o Badisch esteve fortemente associado ao ambiente doméstico e à infância dos participantes mais velhos. Em diferentes núcleos familiares, os relatos apontam que o alemão ou o dialeto eram utilizados como língua principal da casa, sendo aprendidos pela convivência cotidiana com pais, avós, irmãos e vizinhos. No bairro Aymoré, participantes relatam que até os seis ou sete anos falavam apenas alemão em casa, aprendendo o português posteriormente com familiares e na escola.

No bairro Guabiruba Sul, uma participante relata ter falado alemão desde a primeira infância, mantendo o uso em casa mesmo após o início do contato com o português. Já outra entrevistada no mesmo bairro relata que “antigamente era tudo em alemão falado”, inclusive na vizinhança, e que continuou utilizando o idioma em casa após o casamento e com os filhos. “Eu aprendi na escola português, né? Porque era só nós falava só em alemão, em casa meus pais, com a minha família, porque Guabiruba, na época Guabiruba era tudo alemão.”

Nos bairros São Pedro e Imigrantes, os relatos também apontam que o alemão era aprendido no ambiente familiar, especialmente com avós e pais, e que o retorno para casa significava voltar ao uso do idioma.

Esse conjunto de relatos permite interpretar o Badisch como uma língua de primeira socialização em parte das famílias entrevistadas. Antes de ser percebido como “patrimônio”, “dialeto” ou “objeto de pesquisa”, ele aparece nas memórias como língua afetiva e funcional, usada para organizar a vida familiar, o trabalho doméstico, as conversas de vizinhança, a educação dos filhos e a transmissão de valores. Portanto, a presença do dialeto na infância não dependia de ensino formal, pois ela ocorria por convivência, especialmente com pessoas mais velhas.

Ao mesmo tempo, os relatos indicam que essa centralidade doméstica do Badisch foi se enfraquecendo à medida que o português passou a ocupar mais espaços da vida familiar e social. Em algumas famílias, a geração intermediária ainda compreende e fala parcialmente o dialeto, mas já não o utiliza como língua principal

com filhos e netos. Essa passagem do Badisch de língua cotidiana para língua de lembrança, expressão ou afeto é um dos principais achados das entrevistas.

5.3 A escola como ponto de virada para o português

A escola aparece nas entrevistas como um dos principais pontos de transição linguística. Em quase todos os relatos, o ingresso escolar está associado ao aprendizado ou ao reforço do português. Muitos participantes afirmam que chegaram à escola falando predominantemente a língua alemã, tendo dificuldade inicial para compreender, responder ou escrever em português. No Aymoré, participantes relatam que aprenderam o português na escola e que esse processo foi difícil. Em Guabiruba Sul, os entrevistados também indicam que aprenderam português no contexto escolar. No São Pedro, uma participante relata dificuldade para se comunicar em português ao ingressar em espaços de trabalho, evidenciando que o impacto da transição linguística extrapolava a sala de aula.

"Aí eu entrei na pré-escola na época assim, sabendo pouquinho o português, mas a maioria (do que eu sabia) era o alemão. [...] E com a professora então começou o português ganhar um pouco mais de destaque..." (ENTREVISTA AYM-AN, 2026)

"Quando nós entramos pra escola, eu não sabia falar português. A nossa sorte é que a professora era alemã..." (ENTREVISTA GBS-MB, 2026)

Entretanto, os relatos mostram que a escola não teve um papel único ou uniforme. Em algumas memórias, ela aparece como espaço de substituição linguística, correção ou constrangimento; em outras, como espaço de convivência com professores e colegas que também falavam alemão. Em entrevista no bairro Guabiruba Sul, uma participante relata que fora da escola falava-se alemão, mas as aulas eram em português, e que a professora não repreendia os alunos pelo uso do

idioma. Na mesma entrevista, outra participante afirma que entrou na escola falando alemão e que havia professora e colegas que também falavam a língua. Em entrevista no bairro Aymoré, há a observação de que professores permitiam o uso do alemão em sala. Já em outra família entrevistada no mesmo bairro, o relato é mais duro, mencionando dificuldade com os livros e punições físicas no ambiente escolar.

"(Eu só falava em alemão) Só que não podia, né... nós não sabíamos ler porque nós não falávamos em brasileiro. É, eles chegavam a apanhar, né? Chegava com réguas, e apanhamos." (ENTREVISTA AYM-FK, 2026)

Essa variação é importante para a análise porque impede uma leitura simplificada da escola apenas como espaço de repressão. Os dados sugerem que a escolarização funcionou, de modo geral, como porta de entrada do português e como fator de reorganização dos domínios linguísticos, mas as experiências concretas variaram conforme período, professor, bairro, turma e composição linguística dos colegas.

Quando havia muitos alunos falantes de alemão, o uso do dialeto era mais normalizado. Quando o ambiente era mais marcado pelo português ou por alunos de fora da comunidade, o sotaque e a dificuldade linguística se tornavam mais visíveis e, por vezes, motivo de deboche.

5.4 Trabalho, mobilidade e mudança dos usos sociais

Além da escola, o trabalho aparece como outro domínio decisivo na mudança de uso do Badisch. As entrevistas indicam que a entrada no trabalho, especialmente em fábricas, comércios e ambientes urbanos de Guabiruba e Brusque, ampliou a necessidade de comunicação em português. Uma participante relata que, ao começar a trabalhar, passou a falar mais português. Outra entrevistada conta que, após sair da escola, trabalhou como doméstica e depois em uma indústria, observando que no ambiente fabril se conversava mais em português do que em

língua alemã, enquanto um outro participante afirma que, ao ingressar em emprego na fábrica, começou a falar mais português, embora ainda houvesse colegas guabirubenses que falavam alemão entre si. No bairro Imigrantes, a entrevistada relata que trabalhou desde jovem em Guabiruba e que se comunicava com superiores e colegas que também falavam alemão.

"Aí a gente assim conversou mais português, né? Não era mais aquele alemão direto assim... muita muitas amizades daqui que era tudo alemão também... os ônibus daqui de cima eram cheio..." (ENTREVISTA GBS-EB, 2026)

Esses relatos mostram que o trabalho na indústria não eliminou imediatamente o Badisch. Em alguns contextos, especialmente quando havia concentração de trabalhadores guabirubenses, o dialeto continuava sendo usado como língua de proximidade, reconhecimento e convivência. Um participante relata que, na indústria, falava alemão entre colegas que compartilhavam o idioma, embora isso pudesse incomodar falantes de português que não compreendiam a conversa. Já outros participantes relatam que o alemão era usado entre familiares, colegas ou superiores que compreendiam o idioma, mas evitado diante de pessoas que não entendiam, para não gerar conflito.

A análise desse ponto revela que o Badisch funcionou como uma língua de rede, ativada quando havia confiança, pertencimento e compartilhamento de origem. O português, por sua vez, ganhou espaço como língua de circulação ampliada, necessária para o trabalho, para a mobilidade e para a convivência com pessoas de fora do grupo linguístico.

Essa alternância não significa abandono imediato do dialeto, mas sim uma reorganização de uso - para esta geração, o bilinguismo surge como necessidade na comunicação. Assim o Badisch permaneceu em círculos de familiaridade, enquanto o português se consolidou nos ambientes mistos, institucionais e profissionais.

5.5 Preconceito, deboche e sotaque

Os relatos sobre preconceito linguístico aparecem de forma desigual nas entrevistas. Alguns participantes afirmam não ter sofrido deboche ou não se recordam de experiências marcantes; outros relatam situações de constrangimento, sobretudo relacionadas ao sotaque, à troca de letras, à dificuldade com o português ou ao fato de falar alemão em contextos onde outras pessoas não entendiam. No bairro Guabiruba Sul, uma participante nega preconceito direto em relação ao dialeto, mas menciona episódios de deboche em ambientes escolares fora da comunidade imediata. No mesmo bairro, uma participante afirma não se recordar de deboche ou preconceito pela língua.

No bairro São Pedro, um participante também não lembra de ter sido caçoado na escola, possivelmente porque havia muitos colegas que falavam apenas alemão, tornando essa condição normal naquele grupo. No bairro Imigrantes, a entrevistada afirma não ter sofrido preconceito por falar alemão ou que, se houve, não foi marcante.

Por outro lado, alguns entrevistados trazem relatos mais fortes sobre o impacto emocional do deboche. No Aymoré, um participante afirma ter sido alvo de deboche na escola e no trabalho, relatando incômodo e sofrimento diante dessas situações. Na mesma entrevista, outra participante também relata sofrimento por conta do sotaque. Em Guabiruba Sul, uma participante conta que sentiu preconceito em ambiente escolar por trocar letras, o que a levou a se policiar na forma de falar. Esses relatos mostram que a língua não era apenas um meio de comunicação, mas também se tornou um marcador social percebido pelo outro, podendo gerar orgulho, vergonha, autocontrole ou retração.

"Não, debochava sim, até quando eu fui trabalhar debochava na minha cara, me chamava de alemão, não sei o que... tudo por causa do sotaque, né? É, até hoje não falo bem... [...] nos trabalhos onde nós íamos e nas escolas, em tudo quanto é lugar como eles debochavam de nós..." (ENTREVISTA AYM-FK, 2026)

"Porque houve uma época que as pessoas eh ridicularizavam assim, né? Humilhavam, debochavam. Aí as pessoas aqui do Guabiruba ficaram assim: 'Ah, meu Deus, eu não quero, eu não quero que meu filho passe o que eu passei.' Então, não ensinava mais a levar (o dialeto adiante)." (ENTREVISTA AYM-AR, 2026)

"Eu puxava muito o R na escola, tinha muito problema de puxar o R, né? ... na escola, gente que ainda puxava o alemão na época era caçoada, né?" (ENTREVISTA AYM-RS, 2026)

"Sotaque eu tenho, esse eu carrego comigo. Mas assim, nunca de assim também ridicularizar... Só o fato de às vezes, (para) certas pessoas chama a atenção, né? 'Ai, nossa, como ela fala diferente...'" (ENTREVISTA AYM-AN, 2026)

A principal contribuição analítica dessa categoria é mostrar que o preconceito linguístico não pode ser tratado como experiência homogênea entre todos os participantes. Ele aparece condicionado pelo lugar, pela época, pela escola, pelo ambiente de trabalho e pela composição social do grupo.

Quando o falante estava entre pessoas que também falavam alemão, havia maior normalização. Quando estava diante de falantes monolíngues em português ou de pessoas de fora do bairro, o sotaque e o dialeto podiam ser percebidos como diferença. Essa diferença, em alguns casos, foi internalizada pelas famílias e pode ter contribuído para que pais e mães deixassem de ensinar o Badisch aos filhos, buscando evitar dificuldades na alfabetização, constrangimentos ou exclusão social.

5.6 Religião, cantos, orações e festas como espaços de memória

As entrevistas também mostram que a religião, os cantos, as orações e as datas especiais funcionam como espaços importantes de preservação parcial do repertório linguístico. Mesmo quando a missa, a catequese ou os ritos formais passaram a

ocorrer em português ou latim, muitas famílias mantiveram orações, cantos e práticas domésticas em alemão ou Badisch. No Aymoré, há registro de oração e canto em alemão, e no mesmo bairro uma participante canta canções em alemão, incluindo cantos de aniversário e músicas associadas a afeto, despedida, soldados e imigração. Em uma família entrevistada no Guabiruba Sul, aparecem referências a benzimentos, orações e leitura de oração em alemão em caderno familiar. Em outra família do mesmo bairro, participantes recordam orações, cantos e memórias familiares vinculadas ao alemão.

"Toda vida o terço era rezado em alemão. [...] assim como a (canção) Noite Feliz no Natal. (ENTREVISTA AYM-FK, 2026)

"A mãe cantava em alemão, rezava o terço ajoelhada e tudo..." (ENTREVISTA GBS-VS, 2026)

"A minha mãe rezava muito em alemão. Ela rezava o Pai Nosso em alemão [...] ela era parteira... e ela rezava sempre o Pai Nosso em alemão fazendo os partos..." (ENTREVISTA AYM-RS, 2026)

"No mês de outubro não falhava um dia. Eu tinha que ajoelhar, e o terço era em alemão." (ENTREVISTA AYM-AR, 2026)

As festas e datas especiais também aparecem como contextos de memória linguística e cultural. No Aymoré há relatos de orações, cantos de Natal, procissões rezadas em alemão e músicas em festas. No Imigrantes, a participante menciona novenas, encontros familiares, conversas em alemão na varanda e práticas natalinas associadas à tradição local. No Guabiruba Sul também há relatos sobre Natal, personagens tradicionais, ninhos de Páscoa e reuniões em igrejas.

Esses relatos indicam que, mesmo com a redução do uso cotidiano do Badisch, a língua permanece vinculada a práticas de memória. Cantos, orações, causos, festas religiosas, novenas, Natal, Páscoa e encontros familiares funcionam como pequenos momentos vivos da língua, preservando palavras, melodias e expressões que talvez já não circulem nas conversas comuns.

Para a pesquisa, esses registros são especialmente importantes porque revelam que a vitalidade do dialeto não deve ser medida apenas pela conversa cotidiana, mas também por usos simbólicos, rituais e afetivos que ainda resistem ao tempo.

5.7 Transmissão intergeracional, perda de hábito e compreensão passiva

Um dos achados mais importantes das entrevistas é a percepção de que a perda do Badisch não ocorreu apenas por proibição direta ou substituição brusca, mas também pela redução gradual dos contextos de convivência em que a língua era necessária. Em entrevista feita no Aymoré, os participantes comentam que tentam ou tentaram falar em alemão com os parentes mais jovens, mas percebem pouco entendimento ou interesse. Também associam o aprendizado do dialeto à convivência com avós, bisavós e pessoas mais velhas.

Em Guabiruba Sul, aparece a situação de compreensão passiva: uma participante não aprendeu a falar alemão, mas compreendia. Já no bairro São Pedro, há relato de familiar que entende mais do que fala, enquanto outro participante afirma que, se a geração atual não aprender, o dialeto se perde. No Imigrantes, a participante relata que o filho não aprendeu alemão, em parte porque o núcleo familiar passou a funcionar majoritariamente em português.

"Eu digo sempre que foi por falta de dos pais, né? incentivar os filhos a falar. [...] Se os pais não incentivam, eles não vão aprender..." (ENTREVISTA AYM-RS, 2026)

"Hoje quando eu ligo para minhas irmã... eu começo a falar alemão com ela pelo telefone, mas eu vejo que ela tá se atrapalhando, que ela custa entender o que eu falo. Porque perdeu, porque tá convivendo com o marido que só sabe o português... ela tem que pensar antes de falar." (ENTREVISTA AYM-RS, 2026)

"Eu consigo traduzir. Claro, tem algumas frases maiores que aí eu consigo puxar algumas palavras, então eu compreendo

mais ou menos o que que eles querem dizer..." (ENTREVISTA AYM-FK, 2026)

Esses relatos apontam para um quadro recorrente de compreensão passiva: pessoas que entendem parte do Badisch, reconhecem expressões, conseguem traduzir ou responder em situações específicas, mas não usam o dialeto como língua ativa no cotidiano. Esse fenômeno é central para compreender a situação atual do Badisch em Guabiruba.

O dialeto não desapareceu completamente, mas sua transmissão como língua de uso espontâneo foi interrompida ou enfraquecida em vários núcleos familiares. Em muitos casos, a geração mais velha ainda fala, a intermediária entende e fala parcialmente, e a mais jovem apenas reconhece palavras, expressões ou marcas culturais.

A perda de hábito aparece como explicação recorrente. No Aymoré, alguns dos participantes afirmam que o uso diminuiu porque diferentes famílias falantes e não falantes se uniram e porque se perdeu o costume de falar. Em Guabiruba Sul, uma participante relata que não se comunicava em alemão com o filho porque o marido não entendia, embora o filho passe a demonstrar interesse mais tarde.

Essa observação mostra que o casamento, a composição da família, a convivência com avós, a escola, o trabalho e o medo de dificuldades de alfabetização atuaram conjuntamente na interrupção da transmissão. Portanto, a análise deve evitar uma explicação única e tratar a perda do Badisch como resultado de fatores sociais acumulados.

5.8 Badisch, Hochdeutsch e variações internas

As entrevistas também sugerem a necessidade de diferenciar Badisch, Hochdeutsch e outras formas de “alemão” mencionadas pelos participantes. Em alguns relatos, o termo “alemão” é usado de forma ampla, podendo se referir ao dialeto doméstico, ao alemão padrão, a cantos religiosos, a orações ou a variedades aprendidas na

escola. No Aymoré, os entrevistados comentam a dificuldade de compreender parentes que falam Hochdeutsch, evidenciando uma distinção entre o dialeto local e o alemão padrão, e há menção ao Hochdeutsch e à percepção de que certas canções em alemão “gramatical” eram associadas a afeto, saudade, amor e carinho. No relato coletado no bairro Guabiruba Sul, aparece a observação de que, em uma mesma casa, dialeto e Hochdeutsch podiam se misturar no modo de falar, e que dentro do próprio bairro havia diferenças linguísticas.

"Na Guabiruba Sul também tem um alemão diferente. Planicialda também. O alemão deles é diferente do nosso (no Aymoré)." (ENTREVISTA AYM-RS, 2026)

Para o relatório, nem toda ocorrência de “alemão” deve ser automaticamente tratada como Badisch. Alguns trechos pertencem ao repertório religioso ou musical em Hochdeutsch; outros correspondem ao dialeto doméstico; outros ainda podem representar formas misturadas ou adaptadas pelo contato com o português. Essa variação não deve ser interpretada como erro, mas como parte da história sociolinguística local. O Badisch de Guabiruba aparece como uma prática oral, transmitida pela convivência e sujeita a diferenças entre bairros, famílias e gerações.

Essa categoria também reforça a importância da transcrição e da revisão linguística. As palavras, cantos e orações registrados precisam ser conferidos com cuidado para identificar se pertencem ao Badisch, ao Hochdeutsch, a uma forma híbrida ou a uma adaptação local. Para o levantamento lexical, essa distinção será fundamental, pois permite registrar não apenas a tradução, mas também o contexto de uso e a forma como os próprios falantes reconhecem a palavra.

5.9 Síntese dos achados

De modo geral, as entrevistas indicam que o Badisch ainda ocupa um lugar significativo na memória, na identidade e na experiência familiar de parte da comunidade de Guabiruba, mas sua transmissão cotidiana foi reduzida nas últimas

gerações. O dialeto aparece com força nas lembranças da infância, nas conversas com avós, na vida doméstica, nas relações de vizinhança, nas festas de igreja, em cantos, orações, causos e expressões familiares. Ao mesmo tempo, o português se consolidou como língua escolar, profissional e pública, tornando-se progressivamente dominante nas interações intergeracionais.

A análise sugere que o deslocamento do Badisch não resultou de um único fator. A escola teve papel importante na ampliação do português, mas as experiências escolares variaram entre permissividade, incentivo ao alemão, correção, dificuldade e deboche. O trabalho também contribuiu para a mudança, especialmente em ambientes mistos ou urbanos, embora o dialeto tenha permanecido entre colegas guabirubenses. O casamento entre famílias falantes e não falantes, a redução da convivência com avós, o medo de preconceito, a preocupação com alfabetização, a mobilidade para Brusque e a menor necessidade prática do dialeto também aparecem como fatores de enfraquecimento.

Ainda assim, os dados não apontam para desaparecimento total. O que se observa é uma mudança de função: o Badisch deixa de ser, em muitos casos, uma língua de uso cotidiano amplo e passa a operar como repertório de pertencimento, memória, reconhecimento e afeto. Esse cenário indica que a salvaguarda do Badisch precisa considerar, além do ensino formal, a reativação de contextos de uso oral, familiar e comunitário, pois foi nesses espaços que o dialeto historicamente se manteve.

6 LEVANTAMENTO LEXICAL

6.1 Metodologia do levantamento lexical

O vocabulário Badisch–Português foi concebido como produto lexical e documental da pesquisa, elaborado a partir das entrevistas, anotações de campo, respostas do questionário online e contribuições fornecidas pelos participantes durante o processo de coleta. A seleção dos termos priorizou palavras, expressões e construções reconhecidas pelos informantes como pertencentes ao repertório familiar ou comunitário do Badisch em Guabiruba, especialmente aquelas associadas à vida doméstica, relações familiares, alimentação, trabalho, religião, infância, humor, práticas culturais e objetos do cotidiano.

Cada entrada do levantamento deve ser organizada com atenção ao contexto de uso, evitando reduzir o termo a uma tradução direta. Sempre que possível, recomenda-se registrar a palavra ou expressão em sua forma oral aproximada, a tradução em português, um exemplo de uso, a geração ou perfil do falante que a mencionou, eventuais variações de pronúncia e observações sobre relação com o Hochdeutsch ou com o português. Essa escolha metodológica considera que o Badisch em Guabiruba é uma variedade de transmissão predominantemente oral, marcada por contato linguístico e por possíveis variações familiares. Assim, a padronização ortográfica adotada no levantamento deve ser entendida como uma grafia de trabalho, voltada à documentação e à leitura, e não como tentativa de fixar uma norma definitiva para o dialeto.

Quando houver dúvida sobre a origem, a forma ou a equivalência de determinado termo, a entrada poderá indicar a necessidade de verificação posterior com novos falantes, fontes lexicográficas ou materiais de referência sobre variedades alemânicas e badenses. Essa cautela é importante porque o Badisch local não corresponde necessariamente ao alemão padrão nem a uma única forma dialetal vigente na Alemanha contemporânea. O levantamento, portanto, deve ser lido como registro do uso local coletado em Guabiruba, preservando sua dimensão comunitária, afetiva e histórica.

Desse modo, o vocabulário não se limita a uma lista de palavras traduzidas. Ele integra o acervo da pesquisa como instrumento de salvaguarda, permitindo que a comunidade, pesquisadores, educadores e instituições culturais tenham acesso a parte do repertório lexical ainda lembrado, compreendido ou utilizado. Em conjunto com os áudios, transcrições e relatório analítico, o vocabulário contribui para documentar o Badisch como patrimônio linguístico em situação de fragilidade, mas ainda presente na memória social e nas práticas familiares de Guabiruba (HIMMELMANN, 2006; AUSTIN; SALLABANK, 2011; ROSENBROCK, 2025b).

6.2 Vocabulário

Tabela 25 - Levantamento lexical em Português - Hochdeutsch - Badisch

Português	Hochdeutsch	Badisch (variações registradas com base fonética)	Observações
MULHER	Frau	Fra; Frau	<i>Há, em alguns casos, o encurtamento da pronúncia dentro do dialeto Badisch - de Frau para Fra; Essa ocorrência é também comum em outras palavras.</i>
HOMEM	Mann	Mann	
CRIANÇA	Kind	Kind; Kina; Kinda	
CRIANÇAS	Kinder	Kina; Viel Kina; Kindlein	
MENINO	Junge	Púvale; Pu	
MENINA	Mädchen	Máidale; Maidel	
BEBÊ	Baby	Nêne; Klói Nêne; Kind; Púvale, Máidale	
PAI	Vater	Papa; Vater	
MÃE	Mutter	Mama; Mutter; Môta	
FILHO	Sohn	Sohn; Kind; Kina; Púvale	
FILHA	Tochter	Tochter; Kina; Maidel; Maidale	
IRMÃO	Bruder	Bruder	
IRMÃ	Schwester	Schwester	
AVÔ	Großvater (Opa)	Opa	
AVÓ	Großmutter (Oma)	Oma	
TIO	Onkel	Unkal; Unkel; Unkla	
TIA	Tante	Tanda	
PRIMO	Cousin	Cousin; Primo; Kusin; Kusén; Cousin (Kusén); Verwandtschaft	
PRIMA	Cousine	Cousine; Prima; Kusine	

MARIDO	Ehemann	Mann; Mein Mann	
ESPOSA	Ehefrau	Fra; Frau; Meine Fra; Meine Frau	
AMIGO	Freund	Freund; Fraind; Kamarad; Mein Lieber...	<i>Mein Lieber trad. Meu querido; Kamarad como aportuguesamento.</i>
AMIGA	Freundin	Freundin	
VIZINHO	Nachbar	Nochbar; Nôchbar	
VIZINHANÇA	Nachbarschaft	Nochbar; Nochbarin; Nachbarschaft; Nôchbars; Viel Nochbar	
PARENTES	Verwandte	Fawanda; Vawanda; Verwandt; Verwanda; Verwanta	
NAMORADO	Freund	Schatz; (mein) Schatz	
NAMORADA	Freundin	Schatz; (meine) Schatz	
POVO/GENTE	Menschen	Lait; Viel Lai; Volk; Mensche	<i>Viel Leute/Lait trad. Muita gente</i>
BAIRRO	Stadtteil	Stróss	
CABEÇA	Kopf	Kopf	
CABELO	Haar	Hóa; húa	
OLHO	Aug	Aug; Awa; Óin Aug	
OLHOS	Augen	Augen; Awa; Zwei Awa	<i>Dois olhos. Incidência de "Awa" como característico do Badisch em Guabiruba-SC</i>
NARIZ	Nase	Nas; Naas; Náas	
BOCA	Mund	Maul	
MÃO	Hand	Hand; Hend	
PÉ	Fuß	Fuß; Fiiß	
PÉ / PÉS	Fuß	Fuß / Fieß	
DEDO	Finger	Finger	
DEDO DA MÃO	Finger	Finger	
DEDOS DA MÃO	Finger	Finger	
DEDO DO PÉ	Zehe; Zeh	Zeh; Finger vom Fuß	
DEDOS DO PÉ	Zehe	Finger vom Fuß	
ORELHA	Ohr; Ohren	Ohr; Ohra; Óhra	
LÍNGUA	Zunge	Zung	
PEITO	Brust	Brust; Prust	
BARRIGA	Bauch; Magen	Bauch; Pauch	
INTESTINO	Darm	Téa	
COSTAS	Rücken	Knick; Puckel	
FÍGADO	Leber	Lêwa	<i>Observa-se, na fonética, o uso do som de V em termos que carregam a consoante B.</i>
PULMÃO	Lunge	Lung	
DOR	Schmerz	Schmerza	
CASA	Haus	Haus	
PORTA	Tür	Tia; Tiia; TÜR	

JANELA/VENEZIANA	Fenster	Fenster; Lada	<i>Há diferenças para Lada (janela de madeira, geralmente dos ranchos) e Fenster (com vidraça, mais moderna)</i>
CAMA	Bett	Bett; Pett	
MESA	Tisch	Tisch	
CADEIRA	Stuhl	Stuhl; Stiihle (banqueta)	<i>cadeiras</i>
BANCO	Sitzbank	Bank	
FOGO	Feuer	Faia	
FACA	Messer	Messer	
GARFO	Gabel	Cavel; Gabel; Gaval; Gavel; Gawal; Kável; Kawel	
COLHER	Löffel	Fefel; Leffel; Lêffer; Löffal; Löffel	
COLHER DE AÇÚCAR	Zuckerlöffel	Zuckerlêfale	
PRATO	Teller	Teller	
COPO	Glas	Glas	
FOGÃO	Herd	Feuerherd; Gasherd; Herd	
FOGÃO À LENHA	Holzofen	Backofa; Faiaherd; Holzherd	
FORNO	Ofen	Back ôfa; Backôfa; Ôfa	
FORNINHO	Ofen	Backôfa; Brotôfa; Elektrisch ôfa; Êfale	<i>Refere-se ao forno de tijolos, por não existir tradução moderna para o eletrodoméstico.</i>
PANELA	Topf	Kessel	
ROUPA	Kleidung	Wesch; Wêsch	
CHAPÉU	Hut	Hut	
BONÉ	Kappe	Kap; Kapp	
SAPATO	Schuh	Schuh	
CHINELO	Flip-Flop	Schlapa	
SANDÁLIA	Sandale	Plakata	<i>"Placata" como chinelo com tiras - pop. papete.</i>
TAMANCO	Holzchuh	Holzschlapa	
CALÇA	Hose	Hos	
SAIA	Rock	Rock	
BERMUDA	Shorts	Kótza hosa; Kótze Hos	<i>Adequação do termo para trad. "Calça curta", não existindo tradução contemporânea para Bermuda.</i>
COMIDA	Essen	Essa; Êssa	
ALMOÇO	Mittagessen	Mitagessa; Mittagêssa;	
JANTAR	Abendessen; Nachtessen	Nachtessa	
CAFÉ DA MANHÃ	Frühstück	Frühstück	
CAFÉ	Kaffee	Kaffee	
PÃO	Brot	Brot; Prot	

PÃO DE MILHO	Maisbrot	Milhabrot; Milhaprot	"Milha" como um aportuguesamento de "Milho" no neologismo - formação de novas palavras no dialeto.
ÁGUA	Wasser	Wassar; Wasser	
LEITE	Milch	Milch; Milich	
QUEIJO	Käse	Käs; Kês;	
QUEIJNHO	Käse	Handkäs; Weißerkäs;	Trad. Queijo branco
MANTEIGA	Butter	Butter; Putter	
GELEIA	Marmelade	Gelê; Gelêe; Muß; Muß/Gelê; Mus; Schmia; Melad	Schmier - do verbo, espalhar, untar.
CARNE	Fleisch	Fleisch	
LINGUIÇA	Wurst	Wöscht; Wóxt	
MORCILHA	Blutwurst	Blutwöscht; Größtwöscht; Kochwöscht; Lêvawöscht;	Levawoscht ref. Morcilla. Blutwoscht ref. Linguica de Sangue.
GALINHA ASSADA	Brathähnchen	Geprôtane Huhn; Geprôtanehuhn; Huh; Huhn; Hühnerfleisch;	Carne de galinha
GALO	Hahn	Kôkla	
OVO(S)	Ei - Eier	Ei; Eier	
BATATA	Kartoffel	Kartoffel	
BATATA DOCE	Süßkartoffel	Süßer batata; Süsserkartoffel	
FARINHA	Maniokmehl	Aipi Farin; Farin; Mehl	Farin como aportuguesamento e uso para diferentes referências culinárias para farinha/Farofa
FARINHA DE TRIGO	Weizenmehl	Farin; Mehl; Weißmehl;	
BOLO	Kuchen	Bolo; Kucha	
FAROFA	geröstetes Maniokmehl	Farof; Farofa; Farrófa; größtefarin	Farinha grande; Faróf como aportuguesamento;
AÇÚCAR	Zucker	Zucker	
SAL	Salz	Salz	
CERVEJA	Bier	Bier; Pier	
CERVEJA DOCE	Süßes Bier	Síssbier; Süßbier	
CHOPE	Fassbier	Chop	
REFRIGERANTE	Süßbier; gasôsa	Gasôsa; gasôsa	Süßbier - tradicional receita de cerveja doce; Gasosa ref. bebida gasosa, engarrafada.
CAPILÉ		Capelê; Kaplê; Cassôza	Pronúncia com base no termo em português
CACHAÇA	Schnaps	Schnaps	
VINHO	Wein	Wein	
FOME	Hunger	Hunger	
SEDE	Durst	Tóscht	
FRUTA	Frucht / Obst;	Früchter; Früchta	
FRUTAS	Obst / Frucht	Fruchta	
VERDURA	Gemüse	Gemisa; Salat	
LEGUMES	Gemüse	Gmiiza	

CENOURA	Karotte	Môrriva	
BETERRABA	Rüben (rote Rüben)	Rôta pêta	
RAIZ-FORTE	Meerrettich	Meerrettich	
ANIMAL	Tier	Stück Vieh; Tia; Tírra; Tir / Vieh (gado); Vieh	<i>Vieh ref. gado e animais de criação (Stück Vieh); Tier ref. Animais em geral.</i>
CACHORRO	Hund	Hund	
GATO	Katze	Katz	
CAVALO	Pferd	Caul; Kaul; Pferd	<i>Cauls ref. cavalo mais fraco; Pferd ref. Cavalos mais nobres.</i>
VACA	Kuh	Khie; Küh; Kuh	
BOI	Ochse	Ochs; Oks; Stier	<i>Ochs ref. ao boi castrado; Stier ref. ao touro;</i>
TOURO	Stier	Stier	
PORCO	Schwein	Sau; Sai; Schwein	
PORQUINHO	Schweinchen	Wútzale	
ABELHA	Biene	Biena; Biin; Im; Íma; Pin; Píin; Pína	
MARIMBONDO	Wespe	Weftza	
SOL	Sonne	Sun; Sún	
BORBOLETA	Schmetterling	Flederminz; Schmetterling	
PÁSSARO	Vogel	Vogel	
FORMIGA	Ameise	Emens; Emensa; Emenz	
LUA	Mond	Mond	
ESTRELA	Stern	Stern; Sterna; Sténa	
CÉU	Himmel	Himmel	
CHUVA	Regen	Réa	
VENTO	Wind	Wind; Wint	
TROVOADA	Gewitter	Gwita; Gwitta; Kwitta; Kwittara	
TEMPESTADE	Sturm	Gwita; Kwitta	
GRANIZO	Hagel	Schlôsa; Schlôssa; Stói (pedra)	
RIO	Fluss	Fluss	
ÁRVORE	Baum	Baum; Póm	
FLOR	Blume	Bluma; Plum; Pluma; Plumer	
MADEIRA	Holz	Holz	
PEDRA	Stein	Stói; Stóin	
TERRA	Erde	Erd; Erde; Flugland; Land; Réh [verificar forma]	
TERRENO	Grundstück	(viel) Land; Hof; Land	
TERRA ARADA	gepflühtes Land	Fligland; Flugland; Pflanzland; Pfligland; Pflugland	
ESTERCO	Mist	Kuhscheiss; Mischt	<i>trad. esterco de vaca</i>
PRAIA	Strand	(Praia) Strand; Meer (mar); See;	<i>mar/oceano</i>
MORRO	Berg	Berg; Pég; Péig; Perg	

TEMPO/CLIMA	Wetter	Gwitarum; Heiss (quente); Kwitarum; Welt [verificar forma]; Wetter	
TEMPO	Zeit	Stunda; Uhrzeit; Stund; Zeit; die Zeit geht rum; Tag geht rum	<i>Ref. O tempo passa / O dia passa</i>
DIA	Tag	Tag	
TARDE	Nachmittag	Mittag; Mittags	
À TARDE	Nachmittags	Mittags	
NOITE	Nacht	Nacht; Ôwat	
MANHÃ	Morgen	Móia; Moin; Móiat; Móits	
À NOITINHA	Nachts	Abendsnacht; Gegen Abend; Geôwat; Nachmittagnacht	
BOM DIA	Guten Morgen	Guta Móia	
BOA TARDE	Guten Tag	Guten Tag	
BOA NOITE	Gute Nacht	Gut Nacht; Gute Nacht	
BOA NOITE CHEGA	Guten Abend	Guta Nôvat; Guta Nôwat; Guter nôwat	
HOJE	heute	Háit; Hait; hait	
ONTEM	gestern	Geschta; Gestern; Keschta; gesta; guêschta	
AMANHÃ	morgen	Móia; móia	
SEMANA	Woche	Woch	
MÊS	Monat	Monat	
ANO	Jahr	Ióa; Jóhr	
DOMINGO	Sonntag	Sonntag; Suntag; Sunntag	
SEGUNDA-FEIRA	Montag	Montag	
TERÇA-FEIRA	Dienstag	Dienstag; Tienschtag; Tinschtag; Tinschtag	
QUARTA-FEIRA	Mittwoch	Mittwoch	
QUINTA-FEIRA	Donnerstag	Tunaschtag; Túnaschtag; Tuneschtag	
SEXTA-FEIRA	Freitag	Freitag	
SÁBADO	Samstag/Sonnabend	Samstag	
EU SOU/ESTOU	Ich bin	Ich bin; Ich bin tô; Pin/bliben; bin	<i>Eu estou aqui; Ich bleib tô</i>
TER	haben (ich habe)	heb; hebs; Ich will hab	
IR	gehen (ich gehe)	Geh fort; geh; gehe	
VIR	kommen (komme)	komm; komma	
FAZER	machen (mache)	Geh macha; mach; macha; machs	
DIZER	sagen (ich sage)	Sag (schwetz); Sárra/schwetza; Schhwêtz/sprecha; Sprecha; sag; sags/mia sprecha; schwetz; schwetza	<i>Sagen/Sprache ref. falar/conversar; Schwetza ref. nós conversamos;</i>
LER	lesen (ich lese)	Ich les; lesa; lê; lêsa	
DIRIGIR	fahren (ich fahre)	faah; fahra; fahrre; fahrt	
VER	sehen (ich sehe)	Sêa; cuca (gucken); Tu seha; Tut sêa; seha; seh; sehe; sehs	

OUVIR	hören (ich höre)	Hér / hói; Tu hōra; hêa; hêra; hóia; hōas; hōra	
COMER	essen (ich esse)	Ess; Tu êssa; ess; essa; êss; êssa	
BEBER	trinken (ich trinke)	Trinka / saufa; Trinka/saufa; Tu trinka; Trink, sauf; trink	"Ich bin voll" / Saufa ref. Beber no contexto de excesso, álcool;
TRABALHAR	arbeiten (arbeite)	Schafa; Scháfa; schaf; schafa; scháfa	
DORMIR	schlafen (schlafe)	Ich geh schlofa; schlōf; schlōfa; schlof; schlofa	
ACORDAR	aufstehen	ufsteh	
VIVER	leben (ich lebe)	Tu lêwa; leb; lêwa; lêva;	
MORRER	sterben (ich sterbe)	schtéva; sterba; sterb; stérb; stéva; stéwa	
AMAR	lieben (ich liebe)	Heb gern; Ich heb dich gern; Lieb dir; liba; lieben; gern; heb gern	Eu gosto de ti / Tenho gostado - Em entrevistas a incidência para o termo surgiu no sentido de "gostar" e não na profundidade do "amar"
GOSTAR	mögen/gern haben	Heb gern; Ich heb dich gern; aig gern; gern; ich heb dich gern; kén	Gostar muito
APAIXONAR-SE	sich verlieben	Gern mein Lieb; Lieb dich	Ref. Gostar meu amor
QUERER	wollen (ich will)	Mög/will; Will húa; mög; will	
PODER	können (ich kann)	Mach des; Will húa; can; kann; kannst; heb	Faça isso
AJUDAR	helfen (ich helfe)	Wil helfa; helf; helfa	
CANTAR	singen (ich singe)	sing; singa; sinha; sínha	
ENSINAR	lehren (ich lehre)	léna; lerna; lern; lérn	
COSTURAR	nähen; Nähen (ich nähe)	naha; nāha; nāhe; neha; nēha	
PASSAR ROUPA	Bügeln (ich bügle)	Wesch plêta; plêta	
LIMPAR	Putzen; Sauber machen	Sauber machen; Sauva macha	limpar
PINTAR	malen	Féva (tingir)	
COMPRAR	Kaufen (ich kaufe); kaufen	Khaf; káf; khaaf	
VENDER	Verkaufen; verkaufen	verkaufa; verkáf	
CONsertar	Reparieren; reparieren	Noch richta; Tu macha	
PLANTAR	Pflanzen; pflanzen	pflanza	
BOM	gut	gut	
RUIM	schlecht	schlecht	
GRANDE	groß	groß	
PEQUENO	klein	klói; klóin	
BONITO	schön	schêe; schö; schön	
FEIO	hässlich	wiescht; wischt	
VELHO	alt	alt	
NOVO/PESSOAS	jung	jung; nai	
NOVO/OBJETOS	neu	alt; junga; jung; nai; náí	
FORTE	stark	staik; stark	

FRACO	schwach	schwach	
QUENTE	heiss	heiss	
FRIO	kalt	kalt	
CHEIO	voll	voll	
VAZIO	leer	leer	
DOCE	süß	siiß; síß; süß	
SALGADO	salzig	salsig; salz; salzig	
CERTO	richtig	richtig	
ERRADO	falsch	Ferkhéd; fakehrt; ferkeh(t); ferkehrt; verkehrt	
FELIZ	glücklich	frai; freude; fröhlich; lustig	
TRISTE	traurig	trauarig; traurig	
CANSADO	müde	Miit; Miet; mied; miid; mit	
AMOR	Liebe	Heb dich gern; Lieb; Liebe	<i>Eu gosto de ti</i>
SAUDADE	Sehnsucht/Heimweh	Hómweh	<i>Saudade do lar</i>
ALEGRIA	Freude	Fraid; Freidig; Freude; frei; lustig	
TRISTEZA	Traurigkeit	Trauarig; Traurig;	
MEDO	Angst	Engscht; Engst; engscht	
RAIVA	Wut	Éialich; Pês; Krassig; Tzón; Tzónig	
BRABEZA	Böse	Bês; Pês; Tzónig	
CORAGEM	Mut	Coraj; Korág; Koraj (ich hab kein Engscht)	<i>"Eu não tenho medo" como expressão de coragem. Koraj ref. aportuguesamento da palavra e neologismo no dialeto;</i>
COR	Farbe	Farb; Fáab; Fáb; Fáva; Fáhwa	
BRANCO	weiß	weiß	
PRETO	schwarz	Schwarz	
VERMELHO	rot	rot	
VERDE	grün	Grün; griin; grien; grün	
AZUL	blau	blau; blô; blu	<i>Obs. redução na pronúncia.</i>
AMARELO	gelb	geel; guel; guêl; kêhl; kêl	
MARROM	braun	rossarot	
UM	eins	óna; ói; óns	
DOIS	zwei	zwei; zwein	
TRÊS	drei	drei	
QUATRO	vier	fira; vier; viera	
CINCO	fünf	fiinf; fünf; fünfa	
SEIS	sechs	sechs; sechsa	
SETE	sieben	siva; sivan(a); sieben; siven	
OITO	acht	acht; achta	
NOVE	neun	nain; naina; neun	
DEZ	zehn	zehn; zehna	

ONZE	elf	elf; elfa	
DOZE	zwölf	zwölf; zwölfa	
TREZE	dreizehn	dreizeh; dreizehn; dreizehna	
QUATORZE	vierzehn	Féhtzehn; fétzeh; fétzehna; féchtzig	
QUINZE	fünfzehn	fuchtzehna; fuchtzig; fúchzeh; fünfzehn; fünfzehna	
DEZESSEIS	sechzehn	sechzeh; sechzehn; sechzehna; sechszehna	
DEZESSETE	siebzehn	sibzeh; siebenzehna; siebzeh; siebzehn; siebzehna	
DEZOITO	achtzehn	achtzeh; achtzehn; achtzehna	
DEZENOVE	neunzehn	naizeh; nainzeh; nainzehn; nainzehna; nainzig; neunzehna	
VINTE	zwanzig	zwanzig	
VINTE E UM	einundzwanzig	ónnazwanzig; ónazwanzig	
VINTE E DOIS	zweiundzwanzig	zweiundzwanzig;	
VINTE E TRÊS	dreiundzwanzig	dreiundzwanzig	
VINTE E QUATRO	vierundzwanzig	firazwanzig; vierundzwanzig	
VINTE E CINCO	fünfundzwanzig	Fünfundzwanzig; finfazwanzig;	
VINTE E SEIS	sechszwanzig	sechszwanzig; sechszwanzig	
VINTE E SETE	siebenundzwanzig	siebundzwanzig; sivanaundzwanzig; sivanazwanzig; siebenundzwanzig	
VINTE E OITO	achtundzwanzig	achtundzwanzig	
VINTE E NOVE	neunundzwanzig	Nainazwanzig; nainundzwanzig; neunundzwanzig	
TRINTA	dreißig	dreißig	
QUARENTA	vierzig	Féchtzig; fétzig; féchtzig	
CINQUENTA	fünzig	Fúchzig; Fünfzig; fuchzig; fuchtzig	
SESSENTA	sechzig	sechzig	
SETENTA	siebzig	siebzig	
OITENTA	achtzig	achtzig	
NOVENTA	neunzig	nainzig; neunzig	
CEM	hundert	hunat	
DUZENTOS	zweihundert	zweihunat; zweinhunat	
TREZENTOS	dreihundert	dreihunat	
QUATROCIENTOS	vierhundert	vierhunat	
QUINHENTOS	fünfhundert	fiinfhunat; fünfhunat; fünfhunat	
SEISCENTOS	sechshundert	sechshunat	
SETECENTOS	siebenhundert	sivahunat	
OITOCENTOS	achthundert	achthunat	
NOVECIENTOS	neunhundert	naihunat; neunhunat	

MIL	tausend	tausan; tausand; tausend	Ói million–1 milhão
TRABALHO	Arbeit	Érbt; Éwat; Schafa; Scháfa;	
DINHEIRO	Geld	Geld	
SALÁRIO	Lohn	Lohn; Zahltag	
ROÇA	Landschaft	Ross; Róss	
COLHEITA	Ernte	Entabed [verificar forma]; Ernt; Ernta; Pflanza	
HORTA	Gemüsegarten	Cáhta; Gahrta; Gnisagard; Gháta; Gemüsa pflanza	
HORTA DE FLORES	Blumengarten	Blumagard; Cáhta; Gáhta; Plumagáhta	
SEMENTE	Samen	Pflanza; Sôma; Sôoma; Sáma; Sóhm; Sóma	
ENXADA	Hacke	Hack	
MARTELO	Hammer	Hammer	
PÁ	Schaufel	Schaufel; Schpada (pá reta)	
RASTELO	Rechen	Récha	
CARRINHO DE MÃO	Schubkarre	Schubkarre; Schubkhai	
CARROÇA	Wagen	Warra; Wárra; Wáhra	
FERRAMENTA	Werkzeug	Ferramenta; Gscheb [verificar forma]; Sácha (coisas)	
RANCHO	Schôpfa	Schopfa; Schôpfa	
MILHO	Mais	Milha	
IGREJA	Kirche	Kheih; Khéich; Khéih	
ESCOLA	Schule	Schul; Schulhaus	
MERCADO/VENDA	Markt	Geschäftshaus; Mercado; Vendi; Wende; Wêndi	
SUPERMERCADO	Supermarkt	Káfhaus	<i>Kaufhaus - Casa de Vendas; Supermercado surge como palavra moderna que não atualizou o vocábulo dialeto;</i>
SERRARIA	Sägewerk	Schmietarei (ferraria); Schneid [verificar forma]; Schneidmühl;	
CONVENTO	Kloster	Konwent	
SALA DE AULA	Klassenzimmer	Schulhaus	
FESTA	Fest	Fescht; Fêscht	
CIDADE	Stadt	Stadt	
ESTRADA	Straße	Weg; Wêg	<i>caminho</i>
RUA	Straße	Stróss; Stróss; Stróß; Weg	
PONTE	Brücke	Brück; Prick; Prück	
CEMITÉRIO	Friedhof	Kheihhof; Khéinhof; Khéihof	
BÍBLIA	Bibel	Bibel; Kofanie; Kôfani	<i>Kofani ref. Leonard Goffine - Escritor litúrgico do séc. XVII</i>
AVIÃO	Flugzeug	Luftschif	<i>Luftschif ref. dirigível; Avião como palavra moderna que não se traduziu no contexto dialeto.</i>
NAVIO	Schif	Schif	

CARRO	Auto / Wagen	Audo; Auto	
MOTO	Motorrad	Moto; Móta; Motorad; Motorrad;	
BICICLETA	Fahrrad	Fahrrad; Rad; Radfahr	
FEIJÃO DE VARA	Stangenbohnen	Steckerbohna	
PAU TORTO	Krummes Holz	Krummholz	
PELZNICKEL	Pelznickel	Penznickel	

6.3 Observações acerca do levantamento lexical

O levantamento lexical realizado nas entrevistas demonstrou que o vocabulário Badisch preservado em Guabiruba está principalmente ligado aos domínios da vida familiar, doméstica, rural, alimentar, religiosa e comunitária. De modo geral, as palavras associadas ao cotidiano mais antigo - como parentesco, partes do corpo, utensílios da casa, comida, animais, roça, igreja e dias da semana - foram respondidas com maior facilidade pelos participantes das entrevistas. Já termos mais abstratos, contemporâneos ou menos vinculados à experiência cotidiana dos entrevistados apresentaram maior dificuldade, lacunas ou substituições por explicações aproximadas.

Observa-se o uso de palavras - que podemos considerar "clássicas" - para definir objetos atuais que cumprem a mesma função, mas que não tiveram a tradução atualizada no contexto do Badisch em Guabiruba, como é o caso de *Backhofen* - do alemão a tradução para "forno"-, no contexto de fornos à lenha, para descrever "forno elétrico" - popular forquinho, cuja tradução hoje do alemão se dá por *Ofen* ou *elektrischer Ofen*; e *Luftschif* - do alemão, "dirigível" - para referir-se a "avião".

Além disso, aponta-se também o aportuguesamento de palavras que não receberam atualização ou mesmo não eram utilizadas no contexto do Badisch em Guabiruba, como é o caso de *Koraj* - fonética para traduzir "coragem" no dialeto -, *Milha* - referente a "milho", como em *milhabrot*, que no alemão se traduz em *maisbrot* - e *farin* - para "farinha" como acompanhamento culinário, tal como a farinha de mandioca.

6.3.1 Pessoas e Família

No grupo de palavras relacionadas à família e às relações sociais, observou-se que termos como homem, mulher, criança, pai, mãe, avô, avó, filho e filha foram lembrados com relativa facilidade. Isso indica que o campo familiar permanece como um dos núcleos mais fortes de preservação lexical. No entanto, palavras como primo, prima, amigo, amiga, namorado e namorada apresentaram maior variação ou incerteza. Em alguns casos, para namorado ou namorada, apareceu o uso de *Schatz*, termo que pode ser traduzido como “tesouro” e que carrega uma dimensão afetiva mais antiga. Para marido e esposa, também se observou que muitos participantes recorrem às mesmas palavras usadas para homem e mulher, indicando que nem sempre há uma diferenciação lexical específica no uso cotidiano do dialeto.

Nas partes do corpo, uma observação relevante é o uso recorrente de *Maul* para “boca”, em vez de *Mund*, forma mais comum no Hochdeutsch para se referir à boca humana. No alemão padrão, *Maul* costuma estar associado à boca de animais ou a expressões mais rudes, como em construções equivalentes a “cala a boca”. No entanto, entre os participantes, o termo apareceu de forma natural para se referir à boca de pessoas, sem necessariamente carregar o mesmo peso de grosseria percebido no alemão padrão. Esse fato é importante porque demonstra que o significado social de uma palavra pode mudar conforme o contexto comunitário de uso.

6.3.2 Casa, Objetos e Utensílios

No vocabulário da casa e dos utensílios domésticos, percebe-se uma diferença entre objetos tradicionais e objetos mais recentes. Termos associados ao ambiente doméstico antigo foram lembrados com maior facilidade, enquanto palavras como “forninho” geraram mais dificuldade, possivelmente por se tratar de um objeto mais contemporâneo ou menos presente no repertório antigo do dialeto.

Um caso significativo é a palavra “panela”: no Hochdeutsch, a forma esperada seria *Topf*, mas os participantes recorreram de maneira recorrente a *Kessel*, forma registrada no uso dialetal local. Esse tipo de ocorrência reforça que o vocabulário levantado não deve ser entendido como simples tradução do português para o alemão padrão, mas como registro de uma variedade oral com escolhas próprias.

As observações fonéticas também são fundamentais para compreender o material coletado. Em algumas palavras, o final não aparece tão marcado na pronúncia, como em *Schuh* ou *Kopf*. Além disso, certos sons do Hochdeutsch são reorganizados na oralidade Badisch local. Um exemplo é *Feuer*, “fogo”, que aparece na forma *Faia*, com alteração perceptível na sonoridade. Esse tipo de transformação mostra que a grafia adotada no vocabulário deve ser compreendida como uma aproximação de trabalho, construída a partir da escuta e da tentativa de representar a fala da comunidade, sem pretensão de normatização definitiva.

6.3.3 Comidas e Bebidas

No campo das comidas e bebidas, os participantes demonstraram familiaridade com boa parte dos termos, provavelmente por se tratar de um vocabulário vinculado ao cotidiano da casa, da cozinha, da roça e da alimentação familiar. A presença histórica das mulheres no preparo dos alimentos e na transmissão das práticas domésticas também ajuda a explicar a permanência desse repertório.

Nesse grupo, aparecem adaptações interessantes do português ao padrão sonoro do alemão/dialeto, como *Farin* para farinha. Em “pão de milho”, por exemplo, a forma registrada *Milhabrot* combina uma base portuguesa, “milha/milho”, com *Brot*, do alemão, revelando um processo de composição híbrida entre os idiomas.

Ainda no campo alimentar, algumas palavras demonstram mudanças ligadas à experiência local. Para “refrigerante”, muitos participantes não souberam indicar uma palavra direta, mas houve referência a formas associadas às antigas bebidas gasosas.

A palavra “sede” também apresentou pronúncias fortes, aproximadas de *Durscht* ou *Tóscht*, assim como “linguiça”, relacionada a *Wurst*, aparece com sonoridade aproximada de *Vóscht* ou *Vurscht*. Esses exemplos demonstram que o vocabulário preservado não está apenas na palavra isolada, mas principalmente na maneira como ela é pronunciada e reconhecida pela comunidade.

6.3.4 Animais e Natureza

No grupo dos animais, a palavra “animal” revelou uma associação muito significativa com a vida rural. Em vez de *Tier*, termo mais geral em Hochdeutsch, a maioria dos

participantes utilizou *Vieh*, palavra associada a gado. Essa escolha sugere que, para os entrevistados, a ideia de “animal” estava fortemente vinculada aos animais de criação e ao universo da roça.

Da mesma forma, para “cavalo”, em vez de *Pferd*, foi recorrente o uso de *Caul*, termo associado a cavalo de trabalho ou a um animal de uso rural. Para “porco”, muitos utilizaram *Sau*, forma que, no alemão padrão, se refere especificamente à porca, mas que no uso local aparece como referência geral ao animal.

As variações fonéticas registradas nesse grupo reforçam características importantes do Badisch falado em Guabiruba. Em alguns casos, consoantes sonoras do Hochdeutsch aparecem com som mais forte ou endurecido no dialeto, como em *Blume*, “flor”, que surge como *Plum* ou *Pluma*, e *Baum*, “árvore”, que aparece como *Póm*. Algo semelhante ocorre em *Gewitter*, “trovoada”, que pode ser pronunciado com som inicial mais próximo de *K*, como *Kwitter* ou *Gwitta*. Essas ocorrências indicam traços de pronúncia que ajudam a diferenciar o vocabulário Badisch local do alemão padrão.

6.3.5 Dias da Semana

Nos dias da semana, a transcrição aponta a presença de sons chiados ou aproximados de “sch/x” em algumas palavras. Terça-feira, por exemplo, associada a *Dienstag*, aparece em variações como *Tinschtag*, *Tienschtag* ou formas próximas; quinta-feira, de *Donnerstag*, aparece como *Tunaschtag* ou variações semelhantes; e domingo, de *Sonntag*, aparece como *Suntag* ou *Sunntag*. Essas variações mostram que, mesmo quando a base lexical é reconhecível em relação ao Hochdeutsch, a pronúncia local cria formas próprias de identificação.

6.3.6 Verbos e Substantivos abstratos

No caso dos verbos, percebeu-se que muitos participantes não respondiam com o infinitivo, mas com a forma conjugada na primeira pessoa ou em uma estrutura de uso cotidiano. Em vez de apresentar apenas *sein* ou *haben*, por exemplo, surgiram formas como *Ich bin*, *bin*, *Ich hab*, *heb* ou variações próximas. O verbo “trabalhar” também aparece frequentemente associado a *schaffen/schafa*, forma dialetal amplamente usada, em vez de *arbeiten*.

Para “amar”, muitos participantes utilizaram construções relacionadas a “gostar”, como *gern* ou *Ich hab dich gern*, o que sugere que a expressão afetiva no uso cotidiano pode se organizar de maneira diferente da tradução direta esperada em Hochdeutsch.

Contudo, os substantivos abstratos foram, em geral, mais difíceis para os participantes traduzirem. Palavras como amor, saudade, alegria, tristeza, medo, raiva e coragem exigiram mais tempo de resposta, explicações ou aproximações. Em alguns casos, participantes com maior contato com o alemão padrão lembraram formas como *Liebe* para amor. Para saudade, apareceu *Heimweh*, que se refere mais especificamente à saudade de casa, do lar ou da terra de origem, e não necessariamente à saudade de uma pessoa, como ocorre em muitos usos do português. Esse dado é expressivo em uma comunidade de descendência imigrante, pois conecta o vocabulário a uma experiência histórica de deslocamento, nostalgia, pertencimento e memória familiar.

A palavra “coragem” também evidencia processos de adaptação. Em vez de *Mut*, alguns registros aparecem próximos de “coragem” ou a sonoridade “koraj”, demonstrando interferência direta do português. Quando não lembravam um termo equivalente, os participantes tentavam explicar o sentido da palavra, como dizer *Ich hab kein Angst* - traduzido para “eu não tenho medo” -, o que indica que, em alguns campos semânticos, a memória conceitual permanece, mas o equivalente lexical em Badisch já não está plenamente disponível. Esse tipo de ocorrência ajuda a compreender a diferença entre reconhecer uma ideia e dispor de uma palavra ativa para nomeá-la no dialeto.

6.3.7 Cores e Números

As cores, por outro lado, não apresentaram grandes dificuldades. Termos como azul, verde, vermelho, branco, preto e amarelo foram lembrados com relativa facilidade, ainda que com variações de pronúncia, como *blau*, *blô*, *blu* - para azul-, *grün*, *griin*, *gelb* - para verde -, *guêl* ou *kêhl* - para amarelo.

Nos números, também se observaram alterações fonéticas recorrentes. Um exemplo é *sieben*, “sete”, que aparece como *siva* ou formas próximas. Também há variações em números como quatorze, quinze, quarenta e cinquenta, em que a pronúncia local

se distancia parcialmente do Hochdeutsch, mas mantém uma relação perceptível com a base alemã.

6.3.8 Lugares, trabalho no campo e rotina.

Entre as palavras notáveis, algumas revelam com clareza os processos de contato linguístico e adaptação local. “Roça”, por exemplo, aparece como *Ross/Róss*, uma forma adaptada do português. A palavra “ferramenta” nem sempre foi lembrada como termo geral; em vez disso, muitos participantes indicavam nomes específicos, como *Hack* para enxada ou *Hammer* para martelo. Isso sugere que o vocabulário preservado está ligado à prática concreta: os objetos e ações do cotidiano eram nomeados individualmente, mas nem sempre organizados por uma categoria abstrata equivalente à palavra portuguesa “ferramenta”.

No caso de “mercado”, apareceram formas como “venda”, vinda do português, ou *Geschäftshaus*, literalmente “casa de comércio”. Esse dado mostra como o léxico local combina palavras herdadas, adaptações e traduções descritivas. Em “igreja” e “cemitério”, também há observações relevantes. A igreja aparece em formas próximas de *Kirch*, *Kerch*, *Khéih* ou *Khéich*, enquanto “cemitério”, em vez de *Friedhof*, foi frequentemente associado a *Kirchhof*, literalmente o espaço ou pátio da igreja. Essa escolha faz sentido historicamente, considerando a organização comunitária em torno da igreja e dos cemitérios próximos aos espaços religiosos.

Outro caso expressivo é a palavra “avião”. Alguns participantes utilizaram *Luftschiff*, termo que remete a “navio do ar”, zepelim ou dirigível. A ocorrência é significativa porque indica como objetos modernos foram interpretados a partir de repertórios antigos.

Se determinado objeto não existia ou não fazia parte do cotidiano dos antepassados no período de formação da comunidade, a nomeação podia ocorrer por aproximação, descrição ou reaproveitamento de termos já conhecidos. A mesma lógica aparece em “praia”, quando os participantes não lembraram de *Strand* e recorreram a *Meer*, “mar”, ou a outras aproximações.

Um dos registros mais curiosos é o uso de *Goffine* ou formas semelhantes para se referir à Bíblia. Embora alguns participantes tenham lembrado *Bibel*, o aparecimento

de *Goffine* sugere uma associação histórica com Leonard Goffiné, sacerdote conhecido por um livro de lições e histórias bíblicas difundido em contextos religiosos. É possível que, em algumas famílias, esse livro tenha circulado com tanta força que seu nome tenha passado a designar, por extensão, o próprio livro religioso usado em casa.

6.4 Síntese do vocabulário

Dessa forma, o levantamento lexical confirma que o Badisch documentado em Guabiruba deve ser compreendido como uma variedade oral, comunitária e historicamente situada. As palavras registradas não formam um vocabulário padronizado, mas um conjunto de usos vivos, atravessados por variações familiares, lembranças individuais, interferências do português, aproximações com o Hochdeutsch e adaptações ao cotidiano local. Por isso, o vocabulário produzido nesta pesquisa deve ser lido como uma primeira sistematização documental, aberta a revisões, escutas comparadas e complementações futuras.

As observações da revisão lexical reforçam, ainda, que a preservação do vocabulário depende não apenas da tradução das palavras, mas da compreensão dos contextos em que elas foram usadas. Muitas formas registradas fazem sentido porque pertencem a uma realidade social específica: a casa, a roça, a igreja, a vizinhança, a alimentação, o trabalho manual e a convivência entre gerações.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

7.1 Conclusões frente aos objetivos

A presente pesquisa teve como objetivo documentar e analisar a situação atual do dialeto Badisch em Guabiruba (SC), com atenção aos processos de transmissão intergeracional, aos contextos de uso, às memórias familiares e às formas de preservação ainda existentes na comunidade. A partir das entrevistas presenciais, dos formulários impressos, do questionário online, das notas de campo e do levantamento lexical, foi possível construir um primeiro registro sistematizado sobre a presença do Badisch no município, reunindo dados qualitativos, percepções comunitárias e vocabulário associado à oralidade local.

Os resultados indicam que o Badisch permanece como uma referência importante para a identidade cultural de Guabiruba, especialmente em famílias vinculadas aos bairros e localidades historicamente associados à colonização germânica. Nas entrevistas, o dialeto aparece como língua da casa, da infância, da vizinhança, das relações familiares, das orações, dos cantos, das festas, dos causos e de determinadas práticas de trabalho e convivência. No entanto, também se observa que sua circulação cotidiana foi reduzida nas últimas gerações, deslocando-se, em muitos casos, de língua de uso funcional para repertório de memória, afeto e pertencimento.

A etapa presencial revelou a existência de núcleos familiares nos quais o Badisch ainda é falado ou compreendido em níveis significativos, sobretudo entre participantes adultos e idosos. Já o questionário online ampliou a percepção sobre o tema e apontou um quadro mais diverso: parte expressiva dos respondentes reconhece o Badisch como dialeto específico de Guabiruba, mas há diferença entre compreender, falar e utilizar a língua com frequência. Esse dado confirma a presença de um padrão de compreensão passiva, em que muitas pessoas reconhecem palavras, expressões e sentidos gerais do dialeto, mas não o utilizam de forma ativa no cotidiano.

Nesse sentido, a pesquisa confirma que a perda ou redução do uso do Badisch não pode ser explicada por um único fator. A escola aparece como espaço de transição, especialmente para gerações que chegaram ao ambiente escolar falando predominantemente alemão ou Badisch e passaram a consolidar o português nesse contexto. Ao mesmo tempo, os dados mostram que a família também ocupa lugar central nesse processo, pois a interrupção da transmissão doméstica foi apontada como um dos principais motivos para que o dialeto deixasse de ser ensinado ou falado pelas gerações mais jovens. Assim, a escola, a família, o trabalho, os casamentos entre falantes e não falantes, a mobilidade urbana, o medo de dificuldades na alfabetização, o preconceito linguístico e a mudança no estilo de vida atuaram conjuntamente na reorganização dos usos sociais do Badisch.

A análise também permite compreender que o Badisch esteve presente para além do ambiente doméstico. Os relatos indicam usos em deslocamentos, lavouras, fábricas, vizinhanças, festas religiosas, encontros comunitários e espaços de sociabilidade. Isso reforça que o dialeto não foi apenas uma língua “da casa”, embora a casa tenha sido seu principal espaço de transmissão. Ele também operou como língua de rede, usada em relações de confiança, reconhecimento e pertencimento. Com a ampliação do português como língua escolar, profissional e institucional, o Badisch foi perdendo parte de sua função prática, permanecendo com maior força em vínculos familiares, afetivos e comunitários.

A pesquisa também evidencia a importância dos registros orais, das cantigas, das orações, dos benzimentos, das expressões familiares e do vocabulário cotidiano como formas de preservação. Em um contexto marcado pela baixa incidência de textos, manuscritos, publicações e materiais escritos no dialeto, a oralidade se apresenta como principal fonte de documentação. Por isso, o levantamento lexical realizado neste projeto não deve ser entendido apenas como lista de palavras, mas como uma base inicial de registro cultural, capaz de indicar formas de falar, usos, variações, lembranças e relações entre Badisch, Hochdeutsch e português.

Diante disso, considera-se que os objetivos do projeto foram cumpridos. A pesquisa investigou processos de transmissão e aprendizagem do dialeto, analisou fatores de manutenção e perda, sistematizou conhecimento em relatório e vocabulário, e constituiu uma base documental que poderá subsidiar novas ações de salvaguarda,

educação, pesquisa e valorização cultural. Por seu caráter exploratório, o estudo não pretende encerrar o tema nem oferecer estimativas definitivas sobre o número de falantes do Badisch em Guabiruba. Ao contrário, seus resultados apontam para a necessidade de continuidade, aprofundamento e ampliação das investigações.

7.2 Recomendações e próximos passos

As evidências reunidas indicam que a preservação do Badisch deve ser compreendida como um movimento coletivo, articulado entre famílias, comunidade, instituições culturais, escolas, poder público, pesquisadores e demais agentes sociais. A manutenção do dialeto não pode ser atribuída exclusivamente à escola ou ao setor público, embora ambos possam exercer papel importante. Conforme discutido a partir de Fishman (1991), a continuidade de uma língua ameaçada depende principalmente dos espaços de uso cotidiano e da transmissão intergeracional, especialmente no ambiente familiar e comunitário. Portanto, iniciativas escolares, materiais didáticos, eventos culturais, registros digitais e políticas públicas tendem a produzir melhores resultados quando conectadas a práticas reais de convivência, fala e escuta.

Nesse sentido, recomenda-se que futuras ações de preservação valorizem os espaços domésticos e comunitários de transmissão. Encontros entre gerações, rodas de conversa com falantes, cafés comunitários, oficinas, práticas de oralidade no dialeto, grupos de memória, momentos de escuta com avós e ações em bairros podem contribuir para reativar o uso social do Badisch de modo mais próximo da forma como ele historicamente se manteve. A comunicação intergeracional deve ser vista como eixo central da salvaguarda, pois é justamente no contato entre avós, pais, filhos e netos que o dialeto pode deixar de ser apenas lembrança e voltar a circular como prática viva.

Também se recomenda ampliar a visibilidade pública do Badisch em Guabiruba. A popularização do vocabulário pode ocorrer por meio de sinalizações turísticas, placas interpretativas, materiais educativos, exposições, roteiros culturais, documentos institucionais traduzidos ou parcialmente bilíngues, campanhas de

comunicação comunitária e conteúdos digitais voltados à valorização do dialeto. Essas ações não substituem a transmissão oral, mas podem reforçar o reconhecimento social do Badisch como parte da identidade local, reduzindo a percepção de que se trata apenas de uma fala antiga, privada ou restrita às gerações mais velhas.

Outra possibilidade importante é o fortalecimento de parcerias internacionais, especialmente a partir dos vínculos já existentes entre Guabiruba e cidades coirmãs alemãs, intercâmbios públicos Brasil-Alemanha e relações culturais com a região de Baden-Württemberg e Karlsruhe. Esses laços podem contribuir para projetos binacionais de pesquisa, memória, educação patrimonial, intercâmbio linguístico e comparação entre o Badisch preservado em Guabiruba e variedades regionais existentes ou documentadas em Baden-Württemberg. Mais do que uma relação simbólica, essa aproximação pode ser tratada como um pacto cultural de preservação entre territórios conectados por uma história migratória comum.

Também se entende como recomendável iniciar discussões sobre o reconhecimento institucional do Badisch como patrimônio cultural imaterial de Guabiruba. Tal reconhecimento poderia ocorrer por meio de inventário, registro, legislação municipal, dossiê técnico e demais instrumentos adequados às políticas culturais locais. Essa medida teria valor simbólico e político, pois contribuiria para afirmar o dialeto como referência cultural do município e poderia abrir caminho para projetos futuros de salvaguarda, financiamento, pesquisa e educação patrimonial. Em perspectiva mais ampla, a partir de estudos complementares e de maior consolidação documental, poderia ser avaliada a possibilidade de reivindicar títulos ou reconhecimentos associados à singularidade de Guabiruba como território brasileiro de preservação do dialeto Badisch.

A pesquisa também aponta para a necessidade de maior envolvimento das instituições de ensino. A baixa incidência de estudos específicos sobre o Badisch e sobre línguas minoritárias em Santa Catarina, especialmente com foco em preservação, reconhecimento e políticas de transmissão, demonstra uma lacuna acadêmica relevante. Universidades, grupos de pesquisa, escolas municipais, instituições culturais e centros de documentação podem contribuir para a continuidade da investigação, tanto em perspectiva linguística quanto histórica,

pedagógica, antropológica e sociológica. O reconhecimento institucional da língua como parte da identidade local pode estimular novas pesquisas, projetos de extensão, materiais didáticos, ações educativas e formação de professores sensíveis ao tema.

Recomenda-se, ainda, a realização, consorciada ou não, de um censo regional de línguas minoritárias e dialetos no Vale do Itajaí, contemplando não apenas o Badisch, mas também outras variedades de imigração presentes na região. Esse levantamento poderia mapear estágios de preservação, número estimado de falantes, níveis de compreensão, frequência de uso, contextos de transmissão, existência de materiais escritos, práticas comunitárias e demandas de salvaguarda. Dados mais amplos e metodologicamente consistentes poderiam fortalecer políticas públicas, orientar investimentos culturais e oferecer maior segurança para iniciativas locais de preservação linguística.

Outro ponto relevante é a necessidade de ampliar registros escritos e materiais de circulação do Badisch. A pesquisa confirma que o dialeto se preservou principalmente pela oralidade, havendo pouca ou quase nenhuma tradição local de escrita consolidada. Isso torna urgente a continuidade de levantamentos lexicais, transcrições, registros fonéticos, gravações, coletâneas de expressões, cantigas, orações, narrativas familiares e materiais de apoio ao aprendizado. Esses materiais não devem ter a pretensão imediata de fixar uma norma única, mas podem criar formas mais tangíveis de acesso, consulta, circulação e estudo, especialmente para gerações que não tiveram contato ativo com o dialeto na infância.

7.3 Possibilidades de publicação e estudos futuros

Como desdobramento desta pesquisa, recomenda-se que o relatório, o vocabulário e o acervo digital sejam tratados como uma primeira etapa de documentação do Badisch em Guabiruba. A partir desse material, podem ser desenvolvidas publicações complementares em diferentes formatos, como artigo acadêmico, caderno educativo, vocabulário ampliado, exposição digital, cartilha comunitária,

banco de áudio, podcast documental, série audiovisual, material didático introdutório ou publicação impressa voltada à memória oral do município.

A pesquisa abre caminho para novos estudos sobre estimativa de falantes do Badisch em Guabiruba, com metodologia quantitativa mais ampla e amostragem territorial mais robusta. Um levantamento dessa natureza poderia distinguir falantes fluentes, falantes parciais, pessoas com compreensão passiva, pessoas que reconhecem apenas palavras isoladas e moradores sem contato direto com o dialeto. Essa diferenciação é importante porque a vitalidade de uma língua não depende apenas do número de pessoas que a reconhecem, mas da frequência e dos contextos em que ela é efetivamente utilizada.

Também se identificam possibilidades de pesquisa no campo da pedagogia, especialmente sobre o papel da escola no contato entre português, Badisch e outras variedades do alemão. Estudos futuros podem investigar como o ensino bilíngue, a educação patrimonial e projetos de oralidade poderiam atuar sem reproduzir estigmas, sem tratar o dialeto como erro em relação ao Hochdeutsch e sem desconsiderar a importância do português como língua de escolarização. O desafio não é substituir uma língua por outra, mas reconhecer a pluralidade linguística como parte da formação cultural do município.

Outro campo promissor diz respeito aos papéis de gênero na transmissão do dialeto. As entrevistas e memórias familiares indicam a importância do ambiente doméstico, das avós, mães, tias, parteiras, cuidadoras e mulheres da família na preservação de cantos, orações, cuidados, narrativas e vocabulário cotidiano. Estudos específicos poderiam analisar como o trabalho doméstico, a maternidade, o cuidado com crianças e idosos, a religião e as redes de vizinhança influenciaram a manutenção ou a interrupção do Badisch entre gerações.

As relações de trabalho também merecem aprofundamento. Os relatos apontam que o Badisch circulou em lavouras, fábricas, deslocamentos, comércios e ambientes profissionais com forte presença de moradores locais. Ao mesmo tempo, o português se consolidou como língua de circulação ampliada nos espaços industriais, urbanos e institucionais. Pesquisas futuras podem examinar como as mudanças econômicas de Guabiruba e Brusque impactaram o uso do dialeto,

especialmente na passagem de contextos rurais e familiares para ambientes fabris e profissionalizados.

Há ainda um campo propriamente linguístico a ser desenvolvido. O levantamento lexical realizado neste projeto pode servir de base para estudos fonéticos, morfológicos, sintáticos, semânticos e comparativos do Badisch de Guabiruba. A construção de um dicionário próprio, com registro de pronúncia, variações familiares, exemplos de uso, aproximações com o Hochdeutsch e possíveis vínculos com variedades de Baden, exige pesquisa continuada e revisão especializada. Esse tipo de estudo é importante para que o dialeto seja compreendido em sua especificidade local, sem ser reduzido a uma versão “errada” ou incompleta do alemão padrão.

A religião, as cantigas, as canções, os benzimentos, as orações e as festas também constituem um eixo relevante para estudos futuros. Esses elementos apareceram como espaços de memória linguística e podem revelar formas de preservação que não dependem apenas da conversa cotidiana. Em muitos casos, uma língua permanece viva em fragmentos rituais, musicais e afetivos, que carregam marcas de pertencimento, fé, cuidado e tradição. A documentação desses materiais deve ser tratada com atenção ética, respeito aos participantes e cuidado na distinção entre Badisch, Hochdeutsch e formas híbridas.

Por fim, recomenda-se o desenvolvimento de estudos comparativos entre o Badisch preservado em Guabiruba e variedades faladas ou documentadas em Baden, na Alemanha, bem como comparações com outras línguas minoritárias de Santa Catarina, como o Talian e outras variedades germânicas. Essas comparações podem ajudar a compreender o que há de específico no caso guabirubense, o que se aproxima de outros processos de imigração e quais estratégias de preservação já adotadas em outros contextos poderiam inspirar ações locais.

Em síntese, esta pesquisa demonstra que o Badisch ainda existe em Guabiruba, mas sua permanência depende de reconhecimento, documentação, uso social e transmissão entre gerações. O dialeto não deve ser tratado apenas como vestígio do passado, mas como uma referência cultural viva, mesmo que fragilizada, capaz de conectar memória familiar, história local, identidade comunitária e diversidade linguística. A preservação do Badisch exige, portanto, um compromisso coletivo: das

famílias que ainda guardam palavras e formas de falar; das instituições que podem registrar e difundir esse patrimônio; das escolas que podem reconhecer sua importância; dos pesquisadores que podem aprofundar seu estudo; e da própria comunidade, que decide se essa língua continuará sendo apenas lembrança ou se ainda poderá encontrar novos espaços de circulação no presente e no futuro.

8 REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Manual de história oral. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/2011_1_Historia_Oral.pdf. Acesso em: 17 fev. 2026.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual. Revista de Letras Norte@mentos, v. 6, n. 12, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/norteamentos/article/view/6876>. Acesso em: 17 fev. 2026.

AUSTIN, Peter K.; SALLABANK, Julia (ed.). The Cambridge handbook of endangered languages. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/books/cambridge-handbook-of-endangered-languages/CE451BFE26F3BE24AB78335FD2517EC6>. Acesso em: 17 fev. 2026.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2008. Disponível em: <https://www.edusp.com.br/livros/economia-das-trocas-linguisticas/>. Acesso em: 17 fev. 2026.

BUCHOLTZ, Mary; HALL, Kira. Identity and interaction: a sociocultural linguistic approach. Discourse Studies, v. 7, n. 4–5, p. 585–614, 2005. DOI: 10.1177/1461445605054407. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1461445605054407>. Acesso em: 17 fev. 2026.

FISHMAN, Joshua A. Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism. Journal of Social Issues, v. 23, n. 2, p. 29–38, 1967.

FISHMAN, Joshua A. Reversing language shift: theoretical and empirical foundations of assistance to threatened languages. Clevedon; Philadelphia: Multilingual Matters, 1991.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HIMMELMANN, Nikolaus P. Language documentation: what is it and what is it good for? 2006. Disponível em: https://ifl.phil-fak.uni-koeln.de/sites/linguistik/Personen/ASW/Himmelman/Publikationen/2006-2010/Language_documentation_What_is_it_and_what_is_it_good_for_2006a.pdf. Acesso em: 17 fev. 2026.

KLAUSMANN, Hubert; BÜHLER, Rudolf; GANZENMÜLLER, Andreas. Sprachatlas von Nord Baden-Württemberg (SNBW). Band I: Kurzvokalismus. Kartenband. 3. ed. rev. Tübingen: Eberhard Karls Universität Tübingen, 2019a. DOI: 10.15496/publikation-27775. Disponível em: <https://publikationen.uni-tuebingen.de/xmlui/handle/10900/86387>. Acesso em: 1 maio 2026.

KLAUSMANN, Hubert; BÜHLER, Rudolf; GANZENMÜLLER, Andreas. Sprachatlas von Nord Baden-Württemberg (SNBW). Band II: Langvokalismus, Diphthonge, Quantitäten, Konsonantismus. Kartenband. 2. ed. rev. Tübingen: Eberhard Karls Universität Tübingen, 2019b. DOI: 10.15496/publikation-27779. Disponível em: <https://publikationen.uni-tuebingen.de/xmlui/handle/10900/86391>. Acesso em: 1 maio 2026.

KLAUSMANN, Hubert; BÜHLER, Rudolf; GANZENMÜLLER, Andreas. Sprachatlas von Nord Baden-Württemberg (SNBW). Band III: Formengeographie. Kartenband. 2. ed. corr. Tübingen: Eberhard Karls Universität Tübingen, 2019c. DOI: 10.15496/publikation-27780. Disponível em: <https://publikationen.uni-tuebingen.de/xmlui/handle/10900/86392>. Acesso em: 1 maio 2026.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>. Acesso em: 17 fev. 2026.

PRESTON, Dennis R. (ed.). Handbook of perceptual dialectology. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

ROMAINE, Suzanne. Bilingualism. 2. ed. Oxford: Blackwell, 1995.

ROSENBROCK, Emília. “Hajo, wir schwätzen patenser”: o gradativo apagamento do dialeto badense em Brusque e Guabiruba. Notícias de Vicente Só, ano XIX, n. 68, p. 43–78, 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/104155250/Not%C3%ADcias_de_Vicente_S%C3%B3_n_68_2021. Acesso em: 17 fev. 2026.

ROSENBROCK, Emília. Um mar, um porto, um lar: uma exposição escolar alusiva aos 200 anos da imigração dos povos de língua alemã no Brasil (1824–2024). Notícias de Vicente Só: Brusque e Região, Brusque, ano XXIII, n. 72, p. 99–105, 2025a.

ROSENBROCK, Emília. 165 anos da fundação da Colônia Itajahy-Brusque 1860–2025: falar ou aprender alemão ainda tem relevância na cidade? Notícias de Vicente Só: Brusque e Região, Brusque, ano XXIII, n. 72, p. 107–115, 2025b.

SEYFERTH, Giralda. A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim: um estudo de desenvolvimento econômico. Porto Alegre: Editora Movimento, 1974.

SEYFERTH, Giralda. Nacionalismo e identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis: FCC Edições, 1982.

THOMASON, Sarah G. Language contact: an introduction. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 2001. Disponível em: <https://press.georgetown.edu/Book/Language-Contact>. Acesso em: 17 fev. 2026.

UNESCO. Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. Paris: UNESCO, 2003. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132540_por. Acesso em: 17 fev. 2026.

UNESCO. Language vitality and endangerment. Paris: UNESCO, 2003. Disponível em: <https://ich.unesco.org/doc/src/00120-EN.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2026.

9 APÊNDICES

Apêndice A - Roteiro de entrevista semiestruturada

APRESENTAÇÃO	Apresentar-se formalmente (nome, formação, vínculo institucional). Explicar o projeto de forma simples e direta: Que se trata de uma pesquisa sobre o dialeto Badisch. Que o objetivo é registrar a memória oral e compreender como a língua foi transmitida. Que o material resultará em relatório e vocabulário digital de acesso público. Que haverá devolutiva à comunidade.
ORIENTAÇÕES	A entrevista será gravada em áudio. A participação é voluntária. Pode interromper a qualquer momento. O material poderá ser utilizado para fins acadêmicos e culturais. Não há respostas certas ou erradas. A preservação da identidade (se optar por anonimato). Que o objetivo não é avaliar domínio linguístico, mas registrar vivências.
FORMULÁRIOS	Identificação do participante Autorização para gravação Autorização para uso acadêmico <u>Opção de:</u> Uso do nome completo Uso apenas do primeiro nome Anonimato
ROTEIRO DE PERGUNTAS	BLOCO 1 – Aprendizagem Como o senhor(a) aprendeu a falar? Era permitido falar na escola? Havia incentivo ou repressão? BLOCO 2 – Uso Onde se falava mais? Ainda usa hoje? Com quem? BLOCO 3 – Ruptura Por que os jovens não falam tanto? A urbanização influenciou?

	O português substituiu? Houve vergonha social? A televisão e a escola influenciaram? BLOCO 4 – Identidade O que o dialeto representa? A cidade perderia algo se ele acabasse? Deveria ser ensinado novamente?
HIPÓTESES QUE A ENTREVISTA PRECISA TESTAR	1. Ruptura escolar pós-políticas de nacionalização. 2. Estigma social do alemão no período pós-guerra. 3. Urbanização e migração interna. 4. Escolarização formal em português. 5. Casamentos mistos. 6. Influência da mídia. 7. Falta de atualização lexical. 8. Mudança econômica (da agricultura para comércio/indústria).
vocabulário DIRIGIDO	Como se fala em Badisch? Se há variações? Em que contexto era usada? Quais palavras o(a) senhor(a) lembra que quase não se ouvem mais? Existem palavras que não têm tradução para o português? Existem expressões típicas?

Apêndice B - Questionário online

Seção	Pergunta	Alternativas de Resposta
Consentimento	Consentimento - Você concorda em participar desta pesquisa anônima? Ao selecionar 'Sim, concordo', você entende que suas respostas serão usadas para fins de pesquisa cultural.	Sim, concordo.
Perfil do respondente	Qual a sua faixa etária?	13 - 17 anos; 18 - 24 anos; 25 - 34 anos; 35 - 44 anos; 45 - 54 anos; 55 - 64 anos; 65 anos ou mais.
Perfil do respondente	Qual o seu gênero?	Homem; Mulher.
Perfil do respondente	Qual o seu nível de escolaridade atual ou mais recente?	Ensino Fundamental Incompleto; Ensino Fundamental Completo; Ensino Médio Incompleto; Ensino Médio Completo; Ensino Superior Incompleto; Ensino Superior Completo; Pós-Graduação (Especialização, Mestrado, Doutorado).
Perfil do respondente	Qual a sua situação de ocupação principal?	Estudante; Empregado(a) com carteira assinada; Trabalho por conta própria (autônomo/MEI); Aposentado(a); Desempregado(a) em busca de trabalho; Dona(o) de casa / Cuidados não remunerados; Outra.
Relação territorial com Guabiruba	Qual a sua relação com a cidade de Guabiruba?	Nasci aqui e moro aqui; Moro aqui há menos de 5 anos; Moro aqui entre 5 e 10 anos; Moro aqui entre 11 e 20 anos; Moro aqui há mais de 20 anos; Não moro em Guabiruba.
Relação territorial com Guabiruba	Se você mora em Guabiruba, em qual bairro você reside? (Opcional)	Resposta aberta opcional.
Repertório linguístico	Qual destas línguas/dialetos você afirma que foi a primeira que você aprendeu a falar e se comunicar com os familiares quando criança?	Português; Alemão (gramatical); Alemão - Dialeto Badisch; Inglês; Italiano; combinações entre alternativas; outros registros abertos identificados na base.

Seção	Pergunta	Alternativas de Resposta
Repertório linguístico	Quais línguas/dialetos você entende (consegue acompanhar e compreender)? (Selecione todas as que se aplicam)	Português; Alemão (gramatical); Alemão - Dialeto Badisch; Inglês; Espanhol; Italiano; Francês; Polonês; outros registros abertos identificados na base.
Repertório linguístico	Quais línguas/dialetos você fala, mesmo que com dificuldade em alguns casos, no seu dia a dia (em casa, trabalho, com amigos)? (Selecione todas as que se aplicam)	Português; Alemão (gramatical); Alemão - Dialeto Badisch; Inglês; Espanhol; Italiano; Francês; combinações entre alternativas; outros registros abertos identificados na base.
Reconhecimento, compreensão e uso do Badisch	Você já ouviu falar ou reconhece o dialeto Badisch / "Badense" específico de Guabiruba?	Sim; Não; Não tenho certeza.
Reconhecimento, compreensão e uso do Badisch	Qual seu nível de entendimento (compreensão) do dialeto Badisch de Guabiruba?	Escala numérica de 1 a 5.
Reconhecimento, compreensão e uso do Badisch	Qual seu nível de fala (capacidade de se expressar) no dialeto Badisch de Guabiruba?	Escala numérica de 1 a 5.
Reconhecimento, compreensão e uso do Badisch	Com que frequência você costuma usar/falar o dialeto Badisch?	Nunca; Raramente (algumas vezes por ano); Mensalmente; Semanalmente; Diariamente.
Reconhecimento, compreensão e uso do Badisch	Em quais situações você mais usa/ouvia Badisch?	Membros da família (pais, avós, tios); Amigos; Vizinhos; Colegas de trabalho ou clientes; Em eventos e festas tradicionais; Não uso nem ouço regularmente; outros registros abertos identificados na base.
Preconceito, contato e transmissão familiar	Você já sofreu preconceito ou se sentiu ofendido por utilizar o dialeto em alguma ocasião?	Sim; Não; Não me recordo.
Preconceito, contato e transmissão familiar	Caso você tenha respondido SIM na resposta anterior: Você acredita que isso tenha influenciado você a deixar de usar/falar o dialeto?	Sim; Não; Talvez; não se aplica/sem resposta.

Seção	Pergunta	Alternativas de Resposta
Preconceito, contato e transmissão familiar	Como você teve contato com o Badisch?	Família em casa; Vizinhos/comunidade; Escola/aulas; Igreja/grupo; Só ouvi, mas não aprendi a falar; outros registros abertos identificados na base.
Preconceito, contato e transmissão familiar	Com base em sua vivência, qual você acredita que seja o motivo pelo qual o dialeto Badisch deixou de ser falado no dia a dia?	A escola priorizou apenas o português; Os familiares deixaram de falar em casa; Preconceito ou vergonha de falar o dialeto; Influência da televisão/internet/mídia; Mudança no estilo de vida (trabalho, cidade, mobilidade); Emprego em empresas que não usavam o idioma/dialeto; Casamentos com pessoas que não falam o dialeto; Não sei / Nunca pensei sobre isso; outros registros abertos identificados na base.
Preconceito, contato e transmissão familiar	Na sua família, quem falava ou ainda fala o dialeto Badisch?	Meus Avós/Bisavós; Meus Pais; Eu falo/entendo; Meus Filhos/Netos; Ninguém na minha família falava; combinações entre alternativas.
Preservação e ações futuras	Você considera importante preservar o Badisch como um patrimônio cultural de Guabiruba?	Sim, muito importante; Não, é indiferente.
Preservação e ações futuras	Quais ações você acredita que poderiam ajudar na preservação do dialeto Badisch? (Selecione todas as que se aplicam)	Incentivo nas escolas (aulas, projetos); Realização de eventos e encontros culturais; Criação de registros digitais (áudios, dicionários online); Uso em mídias locais (rádio, jornais); Criação de leis que protegem e incentivam o uso do dialeto na cidade; Promover mais cursos para ensinar o idioma e o dialeto; Realizar mais intercâmbios e trocas entre as cidades de Guabiruba e da Alemanha; outros registros abertos identificados na base.
Preservação e ações futuras	Você gostaria que o dialeto ou a língua alemã fosse ensinado novamente às novas gerações?	Sim; Talvez; Nunca pensei sobre isso; sem resposta.

Seção	Pergunta	Alternativas de Resposta
Preservação e ações futuras	Na sua opinião, qual é o principal motivo pelo qual o dialeto Badisch deixou de ser ensinado ou falado pelas gerações mais jovens?	A escola priorizou apenas o português; Os pais deixaram de falar em casa; Preconceito ou vergonha de falar o dialeto; Influência da televisão/internet/mídia; Mudança no estilo de vida (trabalho, cidade, mobilidade); Emprego em empresas que não usavam o idioma/dialeto; Casamentos com pessoas que não falam o dialeto; Falta de interesse dos jovens; Leis anti-germânicas; Não sei / Nunca pensei sobre isso; outros registros abertos identificados na base.
Respostas abertas opcionais	Opcional: Complemente sua resposta selecionada anteriormente.	Resposta aberta opcional.
Respostas abertas opcionais	Opcional: Compartilhe alguma memória, frase, ou curiosidade que você tenha sobre o dialeto Badisch de Guabiruba.	Resposta aberta opcional.
Respostas abertas opcionais	Opcional: Você possui alguma dúvida sobre o dialeto ou sobre a pesquisa que está sendo aplicada?	Resposta aberta opcional.

Apêndice C - Ficha impressa do participante

FORMULÁRIO DEMOGRÁFICO DA PESQUISA

Autorizo contato futuro para dúvidas/validação de informações? () Sim () Não

DADOS DO PARTICIPANTE

Seu nome completo: _____

Telefone: _____ E-mail (opcional): _____

Data de nascimento: ____/____/____ Idade: _____ anos Gênero: () Mulher () Homem

Estado civil: _____ Tem filhos? () Não () Sim, quantos? _____

RAÇA/COR (IBGE) — opcional

() Branca () Preta () Parda () Amarela () Indígena () Prefiro não responder

Pessoa com deficiência (PcD)? — opcional

() Não () Sim, qual(is)? _____ () Prefiro não responder

ORIGEM E RESIDÊNCIA

Nasceu em qual cidade/estado? _____

Mora atualmente em Guabiruba? () Sim () Não. Cidade/UF: _____

Bairro/localidade atual: _____ Há quantos anos? _____

Sempre morou em Guabiruba? () Sim () Não. Já morou em: _____

Por quanto tempo? _____

ESCOLARIDADE

() Sem escolaridade formal () Fundamental incompleto () Fundamental completo

() Médio incompleto () Médio completo () Superior incompleto () Superior completo

() Pós-graduação (especialização/mestrado/doutorado)

OCUPAÇÃO / ATIVIDADE PRINCIPAL

() Empregado(a) () Autônomo(a) () Aposentado(a) () Do lar () Desempregado(a)

() Estudante () Outro: _____

Profissão/atividade: _____

Área/setor: () Agricultura () Indústria () Comércio () Serviços () Serviço público

() Educação () Saúde () Outro: _____

COMPOSIÇÃO FAMILIAR (resumo)

Com quem mora atualmente?

() Sozinho(a) () Cônjuge/companheiro(a) () Filhos () Pais () Outros: _____

Há idosos na casa? () Não () Sim

Há pessoas que falam o dialeto na casa? () Não () Sim () Não sei

PERFIL LINGÜÍSTICO (importante para o mapeamento)

Quais línguas/dialetos você:

A) ENTENDE: _____

B) FALA: _____

C) LÊ: _____

D) ESCREVE: _____

Dialeto *Badisch* no seu caso:

Você ENTENDE? () Nada () Pouco () Médio () Bem () Muito bem

Você FALA? () Não () Pouco () Médio () Bem () Fluente

Você LÊ/ESCREVE algo no dialeto? () Não () Sim, explique: _____

Com que frequência usa o dialeto hoje?

() Nunca () Raramente () Às vezes () Quase sempre () Sempre

Com quem você costuma usar/usar mais o dialeto?

() Pais () Avós () Cônjuge () Filhos () Vizinhos () Amigos () Igreja/Comunidade

() Trabalho () Outros: _____ () Não uso com ninguém

Em que situações você mais usa/ouvia o dialeto?

() Em casa () Festas/encontros () Trabalho () Rua/comércio

Como você aprendeu (ou teve contato) com o dialeto?

() Em casa (família) () Comunidade/vizinhos () Escola/aulas () Igreja/grupo () Trabalho

() Ouvi, mas não aprendi a falar () Outro: _____

Geração na família (percepção do(a) participante):

Avós falavam? () Sim () Não () Não sei

Pais falavam? () Sim () Não () Não sei

Você fala? () Sim () Não () Um pouco

Filhos/netos falam? () Sim () Não () Um pouco () Não se aplica () Não sei

Apêndice D - Termo de consentimento (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, (nome do participante), portador(a) do CPF nº (número de identificação), residente em (cidade-uf), Declaro que fui convidado(a) a participar, de forma **voluntária**, da pesquisa cultural intitulada: **“O Badense – Uma investigação acerca da preservação do dialeto germânico em Guabiruba/SC”**, de autoria e coordenação do pesquisador **Elivelton Reichert**, realizada no município de Guabiruba/SC. Fui devidamente informado(a) de que esta pesquisa tem como objetivo **registrar, documentar e analisar o dialeto Badense**, por meio de entrevistas com falantes locais, contribuindo para a preservação da memória cultural e da tradição oral do município. A pesquisa possui caráter **cultural, educativo e científico**, sem fins comerciais, e integra um projeto aprovado no âmbito do Fundo Municipal de Apoio à Cultura de Guabiruba. Declaro estar ciente e de acordo que minha participação consistirá em: entrevista(s) gravada(s) em **áudio**; conversa(s) de caráter cultural, histórico e linguístico; relato de memórias, experiências, vocabulário, expressões e usos do dialeto; e autorizo expressamente: a **gravação da minha voz** durante a(s) entrevista(s); a **transcrição integral ou parcial** do conteúdo gravado; o uso do conteúdo transcrito para **análise qualitativa**, elaboração de **relatório de pesquisa, vocabulário linguístico** e demais materiais acadêmicos ou culturais vinculados ao projeto. Estou ciente de que: os áudios e transcrições poderão integrar um **acervo digital de acesso público gratuito**; cópias do material poderão ser **doada(s)** a instituições culturais e educacionais, como museus, arquivos históricos e bibliotecas públicas; trechos das transcrições poderão ser citados em relatórios, artigos, apresentações públicas, rodas de conversa e materiais educativos, sempre respeitando o contexto original da fala.

Caso deseje, posso optar por: (☐) **ter meu nome identificado** ou (☐) **ter meu nome preservado (anonimato)**, sendo utilizado pseudônimo ou referência genérica e não gravar.

Autorizo, de forma **livre, informada e consciente**, que **trechos da gravação original da minha voz** possam ser utilizados em **produtos culturais derivados do projeto**, tais como: podcast cultural ou educativo; materiais sonoros de difusão da pesquisa; conteúdos digitais de caráter histórico e cultural.

Declaro estar ciente de que minha voz poderá ser **reconhecível**; os trechos poderão ser **editados**, exclusivamente para fins de clareza, duração ou organização narrativa, **sem alteração do sentido original**; o uso terá **finalidade cultural, educativa e de preservação da memória, sem fins comerciais diretos**.

Fui informado(a) de que minha participação é **voluntária**, podendo desistir a qualquer momento **durante a fase de pesquisa**, sem qualquer prejuízo; posso solicitar esclarecimentos adicionais a qualquer tempo; posso, se desejar, **revogar a autorização para usos futuros específicos**, mediante solicitação formal ao pesquisador responsável; meus dados pessoais serão tratados de forma responsável, apenas para fins relacionados à pesquisa, conforme a legislação vigente.

Declaro que: recebi explicações claras e suficientes sobre a pesquisa e seus desdobramentos; tive oportunidade de esclarecer dúvidas; concordo livremente com os termos acima descritos. Por estar de acordo, assino o presente termo.

Guabiruba, (data completa)

(Assinatura do participante e do pesquisador)

Apêndice E - Cantigas e orações coletadas

As transcrições reunidas neste apêndice foram registradas a partir das entrevistas realizadas no âmbito da pesquisa. A grafia adotada é uma aproximação de trabalho, baseada na escuta, na memória dos participantes e na revisão lexical da equipe, sem pretensão de estabelecer uma forma ortográfica definitiva para o Badisch.

Canto do Ladrão (trecho de Die Räuberbraut/Schön wie Milch und Blut):

"[An einem Bach, in einem tiefen Tale,] dass dann dein Mädchen in einer Wasserfalle. Sie war schön, so schön wie billig und Blut. Ihr geliebster der war einen Reibesjung. [...] armes Mädchen. Ich mich dauert deine Seele, weil ich muss gehen in eine Räuberle. Ich kann ja gar nicht länger bei dir sein. Ich muss jedoch, in den [...] ein. Nimm diesen Ring, und soll dich jemand fragen, dann sag du, ein Reibesjung hat ihn getragen, der dich geliebt bei Tag und bei der Nacht und hat schon viele Menschen umgebracht, der dich geliebt bei Tag und bei der Nacht und hat schon viel den Menschen umgebracht. (Trilha 1, Transcrição de canção em áudio compartilhado por entrevistada do bairro Guabiruba Sul, 2026)

Canto do Jovem Soldado:

"Ein junger Soldat von 24 Jahren, geboren in Deutschland, und das ist mein Heimatland. Nach Tirol bin ich gekommen, da haben sie mich geschossen. Eine Kugel in mein Herz, und das war für mich ein Schmerz. Komm geschwind und lindre meine Schmerzen. Meine Dienstzeit, die ist aus, und ich muss ins Krankenhaus (Totenhaus). Da habt ihr mein Gewehr und alle meine Kleider. Mit Trommeln und Gewehr, so sollt ihr mich begraben. Schießt drei Schuss über mein Grab, so wie ich es verdient hab." (Trilha 2, Transcrição de canção em áudio compartilhado por entrevistada do bairro Guabiruba Sul, 2026)

Canto da Despedida do Pai:

"In Baden, in Baden ein schönes Haus. Der Vater, der muss zum Krieg hinaus. Der Abschied fällt schwer von ihm und von den Seinen, denn er hat ja ein Weib und sechs von den Kleinen. In Baden, in Baden eine große Schlacht. Da hat es den Vater ums Leben gebracht. Er rief nach seinem Weib, er rief nach seinen Kindern. Der Tod kam so schnell und die Schmerzen drücken ihn nieder. Als der Krieg zu Ende war,

der Vater war immer noch nicht da. Da riefen die Kinder: Jetzt muss er bald kommen. Der Krieg hat schon längst ein Ende genommen." (Trilha 3, Transcrição de canção em áudio compartilhado por entrevistada do bairro Guabiruba Sul, 2026)

Oração do Pai Nosso (Vater unser):

"Vater unser, der du bist im Himmel, geheiligt werde dein Name. Zu uns komme dein Reich, dein Wille geschehe, wie im Himmel so auf Erden. Unser tägliches Brot gib uns heute. Und vergib uns unsere Schuld, wie auch wir vergeben unseren Schuldigern. Und führe uns nicht in Versuchung, sondern erlöse uns von dem Bösen. Amen." (Transcrição de oração recitada por participante do bairro Aymoré, 2026).

Oração de Ave Maria (Heilige Maria):

"Heilige Maria, Mutter Gottes, bitte für uns Sünder, jetzt und in der Stunde unseres Todes. Amen." (Transcrição de oração recitada por participante do bairro Aymoré, 2026).

Oração de Glória ao Pai (Ehre sei dem Vater):

"Ehre sei dem Vater und dem Sohn und dem Heiligen Geist, wie es war im Anfang, jetzt und allezeit, und in Ewigkeit. Amen." (Transcrição de oração recitada por participante do bairro Aymoré, 2026).

Oração Infantil (Coração Puro):

"Ich bin klein, mein Herz ist rein. Soll niemand drin wohnen als Jesus allein. Schutzengel mein, mach mich fromm, dass ich zu dir in den Himmel komm." (Transcrição de oração recitada por participante do bairro Aymoré, 2026).

Canto dos Amigos Fiéis:

"Treue Freunde guten Tag. Dein Geburtstag ist ja heute... Wir erheben unsere Hände zu dem lieben Gott hinauf... Und so wünschen wir langes Leben." (Transcrição de canção recitada por participante do bairro Aymoré, 2026).

Canto do Buquê de Flores:

"Wir bringen dir einen schönen Strauß und wünschen dir das Glück ins Haus. Wenn auch die Blumen gleich verwelken, die Rose wie die weißen Nelken. Die Dankbarkeit

soll nie vergehen." (Transcrição de canção recitada por participante do bairro Aymoré, 2026).

A Vida traz Alegria (Canto Romântico):

"Das Leben bringt Lust und Freud, das wissen alle Leute. Reich mir ein schönes Mädelein mit zwei schwarzbraunen Äugelein, das mich mein Herz erfreut... Sie hat schwarzbraunes Haar... Einen Brief dann schrieb sie mir, ich soll treu bleiben ihr... drauf schicke ich ihr ein Sträußelein von Rosmarin und Nelgelein. Sie soll mein eigen sein." (Transcrição de canção recitada por participante do bairro Aymoré, 2026).

O Chapéu de Três Pontas (Cantiga Infantil):

"Mein Hut, der hat drei Ecken, drei Ecken hat mein Hut. Und hätt er nicht drei Ecken, so wär's nicht mein Hut." (Transcrição de canção recitada por participante do bairro Aymoré, 2026).

Benzimento para mau olhado

"Böse augen, alle Augen haben dich gesehen und bringen dich zu Gott dem Allmächtigen; seine Augen bringen dich zurück zu Gott." (Texto coletado no bairro Guabiruba Sul, 2026).

Benzimento da Rosa

"Rot is die rose, weisse is unsere hand; Jesus christus in seine weisse hande haben die abheilen drei heilige Gott" (Texto coletado no bairro Guabiruba Sul, 2026).